



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS-PPGL
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LETRAS, ARTES E CULTURA REGIONAL**

RICHARD JUNIOR SURIEL

***El Masacre se pasa a pie e a reconstrução do massacre de haitianos na fronteira
domínico-haitiana: História e ficção***

**BOA VISTA - RORAIMA
2014**

RICHARD JUNIOR SURIEL

***El Masacre se pasa a pie* e a reconstrução do massacre de haitianos na fronteira
domínico-haitiana: ficção e História**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Roraima, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Letras. Área de concentração: Literatura, Arte e Cultura Regional.

Orientadora: Professora Doutora Maria Helena Valentim Duca Oyama

Co-Orientador: Professor Doutor Reginaldo Gomes de Oliveira

**BOA VISTA - RORAIMA
2014**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Central Prof^a. Maria Auxiliadora de Souza Melo

S961m Suriel, Richard Junior

El Masacre se passa a pie e a reconstrução do massacre de haitianos na fronteira domínico-haitiana: História e ficção / Richard Junior Suriel. -- Boa Vista, 2014.
85 p. : il.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Maria Helena Valentim Duca Oyama.

Co-orientador: Prof. Dr. Reginaldo Gomes de Oliveira.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Roraima, Programa de Pós-Graduação em Letras.

1 – Ficção. 2 – História. 3 – Memória. 4 – República Dominicana. 5 – Haiti. I - Título. II – Oyama, Maria Helena Valentim Duca (orientador).

CDU 82.01(729.3)

RICHARD JUNIOR SURIEL

***El Masacre se pasa a pie* e a reconstrução do massacre de haitianos na fronteira
domínico-haitiana: História e ficção**

Dissertação apresentada como pré-requisito para conclusão do Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Roraima. Área de concentração: Literatura, Arte e Cultura, 20 de março de 2014 e avaliada pela seguinte banca examinadora:

Profa. Dra. Maria Helena Valentim Oyama
(Orientador-Professora do PPGL da UFRR)

Profa. Dra. Lívia Maria Teixeira de Freitas Reis
(Professora de Letra Convidada / UFF)

Prof. Dr. Lourival Novais Néto
(Professor do PPGL da UFRR)

A Deus, pelas oportunidades e alegria de viver, de me fornecer os meios para continuar a minha formação como Profissional, e à minha família, por ser um suporte e apoio completo para finalizar o curso, porque de outra forma não poderia ser.

AGRADECIMENTOS

Minha gratidão é dirigida principalmente a Deus pela vida e permitir chegar ao final da corrida, estes dois anos.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal de Roraima (UFRR), que nesta longa estrada me guiaram, dando a sua orientação com profissionalismo ético na aquisição de conhecimentos para assim fortalecer a minha formação.

Da mesma forma, agradeço a minha orientadora Profa. Dra. Maria Helena Valentim Oyama que me guiou nesta pesquisa e colocou todo seu apoio na minha formação para assim amadurecer esta pesquisa continuando com um só enfoque que é chegar ao êxito. Agradeço também, com especial gratidão ao Doutor Reginaldo Gomes Oliveira quem ajudou com as orientações complementares desde o início deste trabalho.

Agradeço à Organização dos Estados Americanos (OEA) que, junto com o Grupo Coimbra de Universidades Brasileira (GCUB), acreditara na minha capacidade profissional, para assim facilitar-me os meios financeiros que tornaram possível minha formação nestes dois anos, no Brasil.

Não poderia deixar de mencionar meus amigos e irmãos do continente africano: Abidulai Ismael Seca, Joseph Tchivinda, Durviano Kábeka, Onogrífico Correias de Matos que viraram minha família nestes dois anos.

Também minha forte gratidão à reitora desta casa, Gioconda Martinez, que sempre ficou atenta ao meu desenvolvimento no mestrado. Também agradeço à Coordenadoria de Relações Internacionais (CRINT), que me serviu de suporte durante minha estadia no Brasil.

Sea moderado tu sueño; que el que
no madruga con el sol, no goza del
día.

Miguel de Cervantes

RESUMO

Esta dissertação apresenta uma reflexão sobre História e ficção a partir da reconstrução do massacre de haitianos, em 1937, na fronteira norte da República Dominicana e da República do Haiti, dois países que formavam a então ilha *Hispaniola*, quando da chegada de Cristóvão Colombo no Novo Mundo. O *corpus* ficcional deste trabalho é o romance *El Masacre se pasa a pie*, do escritor e advogado dominicano Freddy Prestol Castillo, publicado em 1978, na República Dominicana. Nossa hipótese para desenvolver este trabalho foi a de que para reconstruir o genocídio dos haitianos pela ficção, o autor denuncia a ditadura de Rafael Leónidas Trujillo (1930-1961), o Trujillato, focalizando o racismo, o preconceito, a violência e aspectos negativos nutridos na memória coletiva da elite dominicana para sustentar uma rejeição histórica aos haitianos. Utilizamos um referencial teórico que nos permite buscar articulações entre História e ficção no referido romance e para isso, foi necessário recorrer aos fatos históricos que registram as diversas invasões à *Hispaniola*, a partir dos conceitos de racismo de Memmi (1967) e de memória, de Halbwachs (1990).

Palavras-chave: Ficção. História. Memória. Violência. República Dominicana. Haiti.

ABSTRACT

This dissertation presents a reflection on history and fiction from the reconstruction of the slaughter of haitians, in 1937, on the northern border of the Dominican Republic and Haiti, two countries that then formed the island of Hispaniola, when the arrival of Christopher Columbus in the New World. The body of this fictional work in the novel *The Slaughter passed on foot*, the writer and lawyer dominican Freddy Prestol Castillo, published in 1978 in the Dominican Republic. Our hypothesis to develop this work was that to rebuild the haitian genocide in fiction, the author claims the dictatorship of Rafael Leónidas Trujillo (1930-1961), the Trujillato, focusing on racism, prejudice, violence and aspects negative nourished in the collective memory of the dominican elite to support a historic rejection of haitians. We use a theoretical framework that allows us to look for links between history and fiction in the aforementioned novel and that it was necessary to seek the historical facts recorded the various invasions of *Hispaniola*, from the concept of racism Memmi (1967) and memory, Halbwachs (1990).

Key words: Fiction. History. Memorial. Violence Dominican Republic. Haití.

RESUMEN

Esta disertación es una reflexión sobre historia y ficción a partir de la reconstrucción del masacre a los haitianos, en el 1937, en la frontera norte en República Dominicana y de la República de Haití, dos países que formaban la isla Hispaniola, cuando la llegada de Cristóbal Colón en el Nuevo Mundo. El cuerpo ficcional de este trabajo es la novela *El Masacre se pasa a pie*, del escritor y abogado dominicano Freddy Prestol Castillo, publicado en 1978, en la República Dominicana. Nuestra hipótesis para desenvolver este trabajo fue que para reconstruir el genocidio de los haitianos por la ficción, el autor denuncia la dictadura de Rafael Leónidas Trujillo (1930-1961), el Trujillato, focalizando el racismo, el prejuicio, la violencia y aspectos negativos nutridos en la memoria colectiva de la elite dominicana para sustentar un rechazo histórico a los haitianos. Utilizamos un referencial teórico que nos permite buscar a articulaciones entre historia y ficción en la referida novela y para eso, fue necesario procurar los hechos históricos que registran las diversas invasiones a la Hispaniola, a partir del concepto de racismo de Memmi (1967) y de memoria, de Halbwachs (1990).

Palabras-clave: Ficción. Historia. Memoria. Violencia. República Dominicana. Haití.

LISTAS DE FIGURAS

Figura 1 Capa do Livro El Masacre se pasa a pie	18
Figura 2 Mapa original da Hispaniola até o ano 1697.....	35
Figura 3 Linha Fronteira segundo o Tratado de Aranjuez 1777.....	35
Figura 4 Mapa atual da República Dominicana e República do Haiti.....	36

SUMARIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 ESPECIFICIDADES DE <i>EL MASACRE SE PASA A PIE</i>	15
2.1 Conhecendo Freddy Prestoll Castillo	16
2.2 A relação História e ficção: <i>El Masacre se pasa a pie</i> como uma narrativa de “extração histórica”	17
2.3 As imagens em <i>El Masacre se pasa a pie</i>	19
2.4 Sobre <i>El Masacre se pasa a pie</i>	20
3 ECOS DA HISTÓRIA E DAS HISTÓRIAS – REPÚBLICA DOMINICANA, REPÚBLICA DO HAITI, O CARIBE E A AMAZÔNIA CARIBENHA	23
3.1 Transcultações no Caribe	32
4 LITERATURA DOMINICANA, COSTURANDO OS FATOS.....	40
4.1. Costurando os fatos pela ficção.....	43
4.2 Vingança haitiana na ficção	51
4.3 Os personagens do mundo haitiano	51
4.4 Os personagens do mundo espanhol.....	55
5 MEMÓRIA EM <i>EL MASACRE SE PASA A PIE</i>	58
5.1 Mustalí ou a voz da Memória	65
5.2 Racismo e Preconceito.....	70
5.3 Repercussões do machismo do Trujillato em <i>El Masacre se pasa a pie</i>	72
5.4 Situações Linguísticas e Identidade	75
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	79
REFERÊNCIAS.....	81

1 INTRODUÇÃO

“O historiador narraria o que de fato aconteceu e o ficcionista narra o que poderia ter acontecido.”

(TROUCHE, 2006)

Como dominicano, preto, formado em Comunicação Social e pertencente à classe média da cidade de Santo Domingo, capital da República Dominicana, analisar uma obra literária de um escritor dominicano considerado um traidor do chamado Trujillismo, regime ditatorial imposto pelo presidente Rafael Leónidas Trujillo de 1930-1961 naquele país, poderia ser um problema seríssimo para este pesquisador, uma vez que naquele período, a liberdade de expressão não existia, logo, os intelectuais deviam se calar diante da ditadura imposta aos cidadãos. Depois do Trujillismo, o direito de expressão foi recuperado para a população dominicana, mas desde que o discurso anti-haitiano seja mantido, pois os governos que sucederam Trujillo continuaram a fazer a população do país acreditar que os haitianos querem invadir a República Dominicana.

Com o depoimento acima, podemos afirmar que nesta dissertação apresentamos um estudo em torno da obra *El Masacre se pasa a pie*, de Feddy Prestoll Castillo, escrita durante o Trujillismo, mas publicada apenas em 1973. Este estudo busca investigar o entrelaçamento da História (com H maiúsculo), ou seja, a História oficial, e ficção. A obra é um romance, de duzentas e uma páginas, que busca reconstruir pela ficção o massacre de milhares de haitianos, em 1937, na fronteira norte da República Dominicana e da República do Haiti, dois países que formavam a então ilha Hispaniola, quando da chegada de Cristóvão Colombo no Novo Mundo.

Este trabalho é fruto dos artigos avaliativos produzidos durante o cumprimento dos créditos das disciplinas do Mestrado em Letras-PPGL, transformados em trabalhos publicáveis aceitos para serem apresentados e publicados em anais dos eventos científicos nacionais outros internacionais, realizados na cidade de Boa Vista, estado de Roraima, e em outros estados do Brasil.

Para analisar *El Masacre se pasa a pie*, partimos da hipótese de que, para reconstruir o genocídio dos haitianos pela ficção, o autor denuncia a ditadura de Trujillo, focaliza o racismo, o preconceito, a violência e outros aspectos negativos enraizados na memória coletiva da elite dominicana que sustentam uma rejeição secular histórica aos haitianos.

Utilizamos um referencial teórico-metodológico que nos permitiu buscar articulações entre História e ficção em *El Masacre se pasa a pie*. Logo, foi necessário para situar o leitor deste trabalho recorrer a fatos históricos que registram as relações conflituosas entre a República Dominicana e a República do Haiti, quando eram colônias e sofriam diversas invasões, no século XVII, passando pelos tratados de paz que objetivaram a divisão da ilha entre franceses e espanhóis, chegando às invasões dos ex-escravos franceses à elite da colônia espanhola Santo Domingo.

Também utilizamos os conceitos de racismo, discutido pelos ensaístas Albert Memmi, na obra *Retrato do colonizado, precedido pelo retrato do colonizador* (1967) e de Tahar Ben Jelloun, em *Papá, que es el racismo?* (2000). Também recorreremos à noção de violência, mas buscamos entrecruzar estas noções/conceitos que se articulam em torno do mesmo problema de rejeição ao outro, decorrente das relações identitárias, em conflito, como acontece na fronteira domínico-haitiana atualmente. Outro conceito que cremos estar entrelaçado com estes e que utilizamos neste trabalho é o de memória, discutido por Maurice Halbwachs (1990).

Esta dissertação se compõe de quatro capítulos. No primeiro, intitulado Especificidades de *El Masacre se pasa a pie*, abordamos o romance com suas características, suas imagens e suas relações com a história. O capítulo, intitulado Ecos da História e das histórias – República Dominicana, República do Haiti, o Caribe e a Amazônia Caribenha, abordamos a colonização como um todo quando da chegada de Cristóvão Colombo na ilha Hispaniola, com o objetivo de mostrar as histórias que compõem a História oficial ligada às populações caribenhas. Também tratamos o conceito de transculturação do antropólogo cubano Fernando Ortiz, como um processo

que representa a construção identitária em Cuba, mas que poderia ser aplicado a toda a região caribenha e à Amazônia Caribenha.

Neste sentido, achamos fundamental tratar rapidamente da historiografia da Literatura Dominicana, das fronteiras Caribenas e suas relações possíveis.

No terceiro capítulo, – Literatura Dominicana – costurando os fatos - mostramos as relações entre os fatos históricos que ecoam em *El Masacre se pasa a pie*, com o objetivo de mostrar as histórias contadas na obra. Buscamos citações escolhidas para esta parte que comprovam as dificuldades apresentadas pelos haitianos quando capturados pelos reservistas, os matadores. Também abordamos os efeitos da febre delirante do narrador personagem como recurso que permite um diálogo entre presente e passado, do narrador-personagem com os heróis da Revolução Haitiana. Perceber-se-á a denúncia da violência entre haitianos e dominicanos.

No quarto capítulo, – Memória em *El Masacre se pasa a pie* – utilizamos o conceito de memória coletiva e individual, de Maurice Halbwachs, fundamentais para desenvolver o tópico sobre a memória na infância do narrador-personagem e na velhice do personagem Mustalí, haitiano, que na verdade representa os milhares de haitianos que atravessam a fronteira domínico-haitiana.

2 ESPECIFICIDADES DE *EL MASACRE SE PASA A PIE*

A análise da obra *El Masacre se pasa a pie* pressupõe várias leituras com focos diferentes para, metodologicamente podermos entrecruzar o universo dos conceitos com a História e com a ficção. Trata-se de uma obra do gênero narrativo, subgênero romance, com várias ações, diferentemente da novela ou do conto, como preceitua Abdala Jr. (1995). É necessário considerar que o foco narrativo da obra está ora no “eu” como testemunha, nos primeiros capítulos, ora no “eu” como protagonista, cuja onisciência é multisseletiva, para usar termos propostos por Norman Friedman, (apud Abdala Jr. 1995, p. 28-29). Ou seja, enquanto no foco “eu” como testemunha há o “foco de primeira pessoa, onde o narrador é uma personagem de menor relevo e que relata fatos ocorridos com a personagem central ou personagens centrais” (apud ABDALA Jr., 1995, p. 28), o “eu” como protagonista é “o protagonista da ação: ele conta, em primeira pessoa, fatos relacionados com ele mesmo, tal como os vivencia ou vivenciou” (idem, p. 29). Em *El Masacre se pasa a pie*, podemos afirmar que o narrador é onisciente, ou seja, domina todo o universo ficcional da obra.

É através deste narrador que conseguimos depreender a crítica de Castillo às inúmeras situações conflitivas que ambientam a obra, além do fato de o autor jogar com a expectativa do leitor, utilizando estratégias de omissão e de digressão. Para efeito da microanálise da obra, usaremos nesta dissertação o termo narrador-personagem para designar o narrador da obra.

Também vale salientar que as noções de espaço e tempo são múltiplas, ou seja, os tempos internos do romance são tempos cronológicos, mas também são observados tempos psicológicos (ABDALA JR., 1995, p. 54). O tempo da história em *El Masacre se pasa a pie* é igual ao tempo da história ou das histórias narradas ao longo dos seus trinta e um capítulos.

2.1 Conhecendo Freddy Prestoll Castillo

O escritor Freddy Prestoll Castillo nasceu em San Pedro de Macorís, no leste da República Dominicana, em 24 de junho de 1913 e faleceu em 1981, época em que o país vivia um sistema democrático, presidido por Salvador Jorge Blanco. Além de narrador e ensaísta, Castillo foi um dos advogados mais prestigiados do país, e historiador. *El Masacre se pasa a Pie* é seu primeiro romance escrito em 1937, e publicado em 1973, publicado no governo do Doutor Joaquín Balaguer, segundo Pons (1995), Castillo morreu pela causa do Estado.

A obra foi traduzida para o inglês pelo padre americano Raymond Conard e se foi transformado em roteiro dramático nos anos 1990, pelo dramaturgo Franklin Dominguez.

A obra teve edições de sucesso com mais de 40 mil publicações, do ano de 1973 até o 2000 em sua décima segunda edição de quatro mil cópias.

Além de obras de ficção, sua maior paixão foi o conto, entre a sua produção na área de narrativa estão *La Tragedia de Juan Marte*, *El Buey Cabo'e Vela*, *Tierra y Herejía de Venancia la mal* e o romance *Pablo Mamá*, além de *El Masacre se pasa a pie*.

Castillo escreveu vários artigos para os meios de comunicação nacionais no país, como o jornal *La Nación*, *Listín Diario*, *El Caribe* e *El Nacional*, todos em circulação nacional na República Dominicana. Também escreveu artigo para as principais revistas nacionais como *Rumbo* entre outras locais.

O jornal dominicano *Hoy*, publicou uma nota em homenagem a Castillo afirmando que ele “jamás perteneció a la corte del dictador” (HOY, 2014, p. 1). O jornal desvincula a figura do escritor da elite dominicana da época do Trujillismo. Também afirma o que desconfiávamos com relação ao historiador Joaquín Balaguer na obra de grande importância para os dominicanos: *História de La Literatura Dominicana* que não coloca Castillo no rol dos escritores dominicanos. No artigo do jornal *Hoy*: “No es

casual la omisión de Balaguer en sus Memorias. En puridad de verdad, se le sabía un desafecto”. É significativa esta afirmação, pois Balaguer fez parte do governo trujillista e posteriormente, quando assumiu o governo, deu continuidade ao regime ditatorial de Trujillo.

2.2 A relação História e ficção: *El Masacre se pasa a pie* como uma narrativa de “extração histórica”

Para analisar *El Masacre se pasa a pie* pelo viés da História e da ficção, teríamos que considerar ou classificar esta obra como um romance histórico. Entretanto, não o faremos, levando em conta o que o ensaísta fluminense André Trouche, na obra *América: história e ficção (...)* classificar determinada narrativa de histórica seria cristalizá-la, chamar tal narrativa de narrativa histórica, geraria polêmicas que se iniciaram ainda no séc. XVIII” (TROUCHE, 2006, p. 31).

Para o autor, desde as primeiras manifestações literárias e desde as primeiras reflexões teóricas sobre a poética, pelo menos no âmbito do campo intelectual, do Ocidente, esta questão está presente. O autor afirma que o filósofo grego Aristóteles já fazia a distinção entre mito e história, baseado apenas no conceito de verossimilhança. Entretanto, foi apenas a partir do século XIX que a definição de romance histórico começou a ser veiculada, ainda que não houvesse “ (...) consciência de que eram históricos.” (Idem, p. 32). Mas é interessante observar que o autor nos chama a atenção para ampliação do conceito de romance histórico, ao citar Alcmeno Bastos, que sintetiza os fundamentos do romance histórico:

(...) O romance histórico estava fadado a certo hibridismo: como “romance”, era resultado da invenção do escritor, que delegava a um narrador, quase sempre em terceira pessoa, a responsabilidade pela mimese do real humano. Como ‘histórico’, escapava aos limites da ficcionalidade e se pretendia documento, pois nele, o leitor encontraria elementos verídicos (datas, nomes, de personalidades político-guerreiras, eventos, lugares, etc.) tomados de empréstimos à história. (BASTOS, 1994, apud TROUCHE, 2006, p. 33).

Antônio Esteves também reflete sobre o romance histórico em sua macroestrutura, a obra e afirma que:

(...) 1. A ação do romance ocorre num passado anterior ao presente do autor, tendo como pano de fundo um ambiente histórico rigorosamente reconstruído, onde figuras históricas reais ajudam a fixar a época, agindo conforme a mentalidade de seu tempo; 2. Sobre esse pano de fundo histórico, se situa a trama ficcional, com personagens e fatos criados pelo autor. Tais fatos e personagens não existiriam na realidade, mas poderiam ter existido, já que sua criação deve obedecer à mais estrita regra de verossimilhança [...]” (ESTEVES, 1995, apud TROUCHE, 2006, p. 37)).

Tanto Bastos quanto Esteves corroboram com Trouche (2006) ao atentarem para o fato de que o romance histórico segue fatos comprovadamente históricos, com datas e outros elementos que o respaldam. Neste caso, os elementos ficcionais seriam a fórmula para transformar a História. Nesse sentido, *El Masacre se pasa a pie* relata os fatos históricos do massacre de haitianos em 1937, sem citar documentos escritos comprobatórios do número de haitianos mortos, nem a precisão dos locais onde estas mortes aconteceram, pois o Trujillismo não permitia a publicação dos fatos.

Para Linda Hutcheon (1991), ficção e história servem para dar sentido ao passado, ou seja, onde o que importaria, seria o sentido que é criado a partir dos fatos e não a verdade propriamente dita.

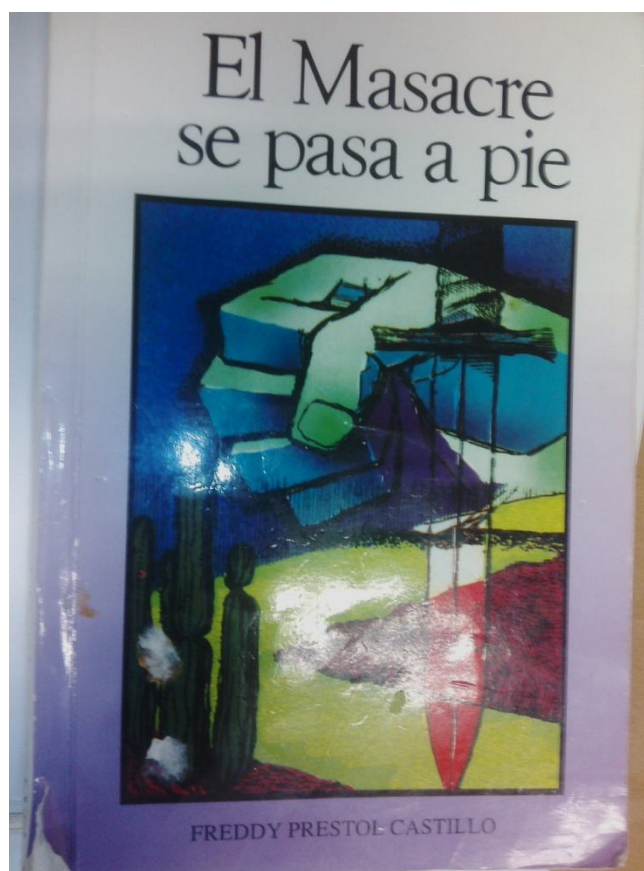
Diante dessas diversas colocações, Trouche (2006) considera que o romance histórico poderia ser chamado de romance de “extração histórica”, ou seja, ele usa fatos históricos passados, mas considera os fatos históricos atuais. Nesse sentido, preferimos situar *El Masacre se pasa a pie* não como um romance histórico no sentido tradicional do século XIX, mas sim como um romance ou como o autor fluminense afirma, uma “narrativa de extração histórica”.

Em *El Masacre se pasa a pie* percebemos o entrelaçamento de fatos que estão ancorados nos anos 1930, mas também percebemos fatos históricos que se repetem ou se nutrem de conflitos históricos. A questão da fronteira domínico-haitiana, onde os haitianos chegam em busca de melhores condições de vida reflete a atualidade dos problemas enfrentados pelas República Dominicana e República do Haiti.

2.3 As imagens em *El Masacre se pasa a pie*

Achamos relevante mostrar a capa de *El Masacre se pasa a pie* para percebermos a dimensão da violência que perpassa o imaginário do artista e da obra propriamente dita. Nesta capa podem-se perceber elementos violentos que representam o massacre dos haitianos em 1937, durante o Trujillismo.

Figura 1 Capa do Livro *El Masacre se pasa a pie*



A imposição da mão verde, cor da guardiã fronteira, representando os reservistas prontos para obedecer as ordens para matar, empunhando um facão pintado de vermelho que simboliza o sangue derramado dos milhares de haitianos que perderam a vida atravessando o rio *Masacre*: o rio que tem duas cores: verde do poder

e vermelho do sangue; e o Cacto, situado na parte esquerda da imagem, significando a vegetação própria do clima quente da cidade de Dajabón, o que caracteriza também a distância que separa Dajabón da metrópole, Santo Domingo, capital da República Dominicana.

El Masacre se pasa a pie é composto por trinta e um capítulos. Enfocaremos as situações em que as metáforas dos episódios em que são mostrados o racismo, o estereótipo e a violência ilustram nosso objetivo neste trabalho.

O massacre dos haitianos aconteceu em 1937, como dito acima, mas não há documentos oficiais que comprovem os dados, os números, logo, é a memória dos dominicanos quem registra estes acontecimentos.

2.4 Sobre *El Masacre se pasa a pie*

El Masacre se pasa a pie trata como narrativa de “extração histórica”, do massacre dos haitianos pelos dominicanos, na época do trujillismo, de 1930-1961. Conta com um pano de fundo histórico dessa época que silenciou intelectuais para a sua narração. Esse momento traz à tona os conflitos internacionais que aconteceram na fronteira norte domínico-haitiana, cidade de Dajabón. *El Masacre se pasa a pie* se inicia com uma explicação do escritor sobre as condições na quais ele escreveu a obra, exilado na cidade de Dajabón sem as condições de conforto como electricidades meio de transportes etc.

O autor descreve para enfrentar a ditadura a partir da conclusão de sua obra, descreve também a perseguição que sofreu.

A obra é composta de trinta e um capítulos o autor começa lembrando seu tempo quando ele era criança e estava na escola, descreve a maneira que tenha seu professor para ensinar aula de geografia, já que ele descrevia a cidades que ficavam longe de Santo Domingo, como uma coisa não existente na ilha .

Em seguida, percebemos uma denúncia contra a Bolsa de Valores e os mercados internacionais, pois a pesar de que o povo era quem trabalhava a terra, além disso também era dono, e não tenha direito de colocar o preço de seus produtos o qual era feito pela oligarquia quem determinava o valor de compra das exportações da cana de açúcar.

O autor se adentra no fato de violência e inicia mostrando uns dos personagens principais do romance o capitam “Ventarron” é descrito como personagem violento.

O narrador descreve o Massacre como um rio pequeno que cujas aguas não chega ao tornozelo, este rio é utilizado para lavar roupa onde Marcelle uma haitiana que fugiu da deportações faze uso do afluente.

Uma escusa para cometer os genocídios foi o documento de identidade da República Dominicana chamado “Cédula”, aqueles que não tinham esse documento eram considerado ilegal no pais, com o pretexto de deportação mais não foi assim, foi seu ingresso à morte.

O autor enfatiza ao longo da obra o clamor dos haitianos o qual se confundia com o som das facas utilizadas pelos reservista, os militares felicitavam sua luta ganhada contra os cidadãos de cor preta que não tenham ferramenta para defender-se de seus verdugos.

O autor mostra a figura do empresário que explora a mão de obra barata haitiana. Para isso ele apresenta o personagem “Juanico Rivas” segundo as descrições do autor ele foi um sujeito que só lhe interessava sua riqueza e porem utilizava as mãos de obras haitianas.

Um personagem onde o autor apresenta violência de gênero é com “Moraimé Luis” uma haitiana que foi criada por dominicano onde recebeu educação, comida, roupa e formação religiosa, ela viveu toda sua vida na República Dominicana desde

muito antes aprender a caminhar já “Moraimé” estava morando na parte este da ilha, ou seja ela foi uma haitiana adotado por dominicano, mais o fato de que ela seja criada como dominicana não era perdoada sua morte, já que a ordem é matar todos os pretos que tivessem no caminho.

Uma personagem apresentada pelo autor deste romance foi dona “Francina” que tinha uma pousada onde abrigava centenas de pessoas, já que ela se oferecia para cuidar e dar de comer as crianças dos haitianos que visitavam sua pousada.

Os últimos capítulos da obra mostram as transformações de Dajabón após do massacre a chegada da mão de obra barata de outros países, a chegada da prostituição entre outros problema sociais o autor finaliza descrevendo a perseguição político que lhe fora feita já na cidade de Santo Domingo, essa perseguição terminou com sua condenação a cinco anos de prisão.

3 ECOS DA HISTÓRIA E DAS HISTÓRIAS – REPÚBLICA DOMINICANA, REPÚBLICA DO HAITI, O CARIBE E A AMAZÔNIA CARIBENHA

O verdadeiro sentido que o contador de histórias atribui à sua missão estabelece o trânsito entre o mundo das personagens e o registro histórico. É, por isto, uma literatura do presente, só possível porque assume a consciência do passado. (CHAVES, 1988, p. 10)

Em *El Masacre se pasa a pie* ecoam as histórias da *Hispaniola*¹, há gritos da violência séculos após a conquista, existem os cenários das disputas na fronteira, retratando o massacre dos haitianos, em 1937.

A República Dominicana faz fronteira com a República do Haiti, duas nações que compartilham o mesmo solo “Son dos pueblos, dos entidades diferentes, en una preciosa y diminuta isla verde del Caribe” (CASTILLO, 1998, p. 77). São vizinhas de Cuba, das ilhas Bahamas, da Jamaica, de Porto Rico, das Ilhas Virgens, da Martinica e outras ilhas que são produtos da colonização do chamado Novo Mundo pelos europeus a partir do dito “descobrimento” do continente americano no ano 1492 chamado “Novo Mundo”. Como suas vizinhas, a República Dominicana sofreu as consequências de fatos históricos que até hoje ecoam na sua cultura e na sua sociedade.

Franceses e espanhóis lutaram pela posse da ilha entraram em conflitos, na tentativa de evitar as demarcações dos limites geográficos entre as duas colônias. Mas a divisão territorial aconteceu colocando no mapa do Caribe, *Saint Domingue*, dominada pelos franceses, e Santo Domingo, dominada pela Espanha; também permitiu a entrada de trabalhadores pagos, e posteriormente de escravos africanos para trabalhar a terra, gerando riquezas na então chamada “Pérola das Antilhas”, em pleno século XVIII. Neste mesmo século, *Saint-Domingue* se tornou independente e, apesar da divisão territorial, Santo Domingo sofreu invasões travadas pelos vizinhos do lado francês, reunificando a ilha, no período de 1805 a 1844.

¹ Primeiro nome dado pelos colonizadores à ilha, hoje dividida em duas nações República Dominicana e República do Haiti, segundo Moya Pons (1995).

Segundo Pons (1995), os espanhóis resistiram contra os haitianos com a formação da Trinitária, liderada por Juan Pablo Duarte (PONS, 1995, p. 255). Era uma sociedade secreta que tinha o objetivo de lutar contra as invasões e colocar fim aos conflitos de mais de duas décadas e assim ficar livre do domínio haitiano, a sociedade dominicana, com medo de voltar ao domínio haitiano preferiu retornar ao domínio espanhol de 1861 a 1865, quando, finalmente, foi proclamada a independência da colônia, agora República Dominicana. É interessante observar que a rejeição ao país vizinho parte da elite dominicana e não dos escravos ou ex-escravos que, com a divisão, foram separados dos seus irmãos; os trabalhadores não tem como escolher onde ficar.

Porém, a nova nação não ficou livre de invasões. No início do século XX, a República Dominicana sofreu novas invasões, desta vez, pelos norte-americanos, em 1916, igualmente violentas, o que já vinha acontecendo um ano antes na vizinha República do Haiti (OYAMA,2009). Em ambos os países, os norte-americanos passaram quase vinte anos, controlando as finanças públicas do país, apropriando-se das riquezas locais.

Após a saída dos norte-americanos, no início dos anos 1920, aconteceu o massacre de haitianos na fronteira norte dos dois países, entre as cidades de Dajabón, do lado dominicano e Ouanaminthe, do lado haitiano, o que gerou questões políticas ao longo do século XX, por várias razões. Primeiramente, pela mão de obra barata haitiana que não podia mais alimentar o mercado de trabalho imigrante na República Dominicana, e segundo, porque o genocídio dos haitianos ao ser comandado pelo ditador, então presidente Rafael Leónidas Trujillo, além de marcar o processo de modernização do país pelo sangue, expõe internacionalmente a figura deste ditador.

Neste sentido, para se compreender como história e ficção são tecidas em *El Masacre se pasa a pie* é necessário considerar os fatos históricos que originaram os conflitos que ainda ecoam nesses dois países e que apagaram a figura do indígena. Buscamos investigar como estes ecos históricos chegam à chamada Amazônia

Caribenha², termo alcunhado e defendido pelo historiador Reginaldo Gomes Oliveira (2011) na obra *A presença holandesa na Amazônia Caribenha entre os séculos XVI e XVII: da costa selvagem ao Rio Branco*.

O primeiro fato histórico diz a respeito à presença indígena na região. Os primeiros povos originados na América têm suas tradições formadas pela harmonia dos espaços onde os recursos naturais, que eram explorados de forma a conservar a natureza, sem aparente dano ao território habitado pelos primeiros povos no Caribe e na América. Entretanto, como afirma Oliveira (2011), a chegada dos colonizadores provocou bruscas transformações, fazendo surgir diferentes interesses relacionados aos recursos naturais e humanos, ampliando as rivalidades e disputas na apropriação das riquezas que os primeiros povos da época tinham.

Ente as grandes nações europeias no Novo Mundo que realizaram conquista, os espanhóis foram os primeiros que fizeram contato com os autóctones no Caribe. Segundo Frank Moya Pons, historiador dominicano cujos livros são utilizados nas escolas da República Dominicana atualmente “cuando América fue descubierta por Cristóbal Colón en 1492, las islas que hoy conocemos como las Antillas estaban habitadas por pueblos completamente diferentes de los que hasta entonces conocían los europeos” (PONS, 1995, p. 1). Estas ilhas eram habitadas em sua maioria por índios provenientes das populações da América do Sul e os povos indígenas circulavam nesse território atravessando as diferentes ilhas em pequenas embarcações. Esse processo de idas e vindas possibilitaram, segundo o autor, a formação de diferentes comunidades dispersas tanto nas Antilhas Maiores constituídas por Cuba, República Dominicana, Jamaica e Porto Rico, e as Antilhas Menores formadas, por Ilhas Virgens, Martinica, Trinidad e Tobago entre outras, marcando a nosso ver, a diversidade territorial que possibilitou igualmente as diversidades linguísticas culturais. Essa constatação de Oliveira (2011) é ratificada pelo historiador dominicano “Hoy se sabe

² Segundo Reginaldo Gomes Oliveira (2011): “Ao observar a região Norte/Nordeste no Mapa da América do Sul, pode-se visualizar o caminho das águas marítimas e fluviais que margeiam todo o território da ilha Amazônia Caribenha.

que las Antillas se poblaron originalmente com grupos aborígenes provenientes de las cuencas de los Orinoco, en Venezuela, y Xingú y Tapajós, en las Guayanas” (PONS, 1995, p. 1).

Deste modo, os estudos desses dois historiadores concordam que havia diálogo linguístico e cultural entre os povos do mar do Caribe e a região das antigas Guianas, o que aproxima há República Dominicana da Amazônia, Oliveira (2011) argumenta que os povos Karíb e Arawak realizavam deslocamentos entre o Norte da América do Sul e as ilhas do Caribe à procura de outras terras dentro da região amazônica caribenha para o trabalho agrícola e produções laborais indígenas. Com a chegada da população europeia e da africana, às Antilhas Maiores, os povos indígenas que restavam buscavam áreas mais distantes. (OLIVEIRA, 2011).

Nesse sentido, o que se sabe dessas populações nos chega como registros das expedições europeias. Portanto, as notícias sobre esses primeiros habitantes, como registros das expedições realizadas pelos navegantes que chegavam ao Novo Mundo, eram notícias consideradas pelos historiadores da literatura latino-americana como fundamentais para o início da literatura no continente americano. Essa literatura revelava as primeiras as impressões europeias acerca dos habitantes do Novo Mundo. Segundo Pons(1995) e Oliveira (2011), essa literatura traz registros sobre a *Hispaniola*³, elaborados em diários, como observações dos cronistas das expedições europeias no Caribe e na América. Ao fazer referência sobre a ilha *Hispaniola*, hoje dividida em duas nações República Dominicana e República do Haiti, estamos falando dos primeiros lugares onde Cristóvão Colombo chegou no ano de 1492. Segundo Joaquín Balaguer, outro historiador escritor, ficcionista, dominicano, presidente da República Dominicana após o Trujillato, em seu livro *História de la Literatura Dominicana* afirma:

³ O primeiro nome genérico para toda a ilha é a *Hispaniola*, dado por Cristóvão Colombo em 09 dezembro de 1492

La historia de la literatura dominicana se inicia con el nombre de Colón que nos dejó, en su diario marítimo y en sus cartas, las primeras descripciones sobre la naturaleza de la isla y que supo sentir y expresar como nadie los encantos del paisaje nacional y aun transmitirlo sobre él una visión poética y a veces sobremanera literaria. (BALAGUER, 1992, p. 9)⁴

Nessa linha de pensamento, as mais antigas notas escritas pela primeira expedição de Colombo referiam-se aos índios e ao entorno territorial da Hispaniola. Parte das descrições dos habitantes e da paisagem caribenha estava nas diversas cartas que eram enviadas à rainha Isabel da Espanha, que havia patrocinado a viagem de Cristóvão Colombo e de sua equipe ao continente que depois foi denominado Americano, em homenagem a Américo Vesúcio (1451-1512), navegador italiano da cidade de Florença. Logicamente, a literatura da época não poderia apresentar informações negativas, já que o objetivo dos colonizadores foi o de buscar riquezas das novas terras, ou seja, uma notícia negativa poderia causar prejuízo financeiro para a coroa Espanhola.

Assim, pensamos ser importante considerar que no processo de ocupação, a *Hispaniola*, segunda ilha de assentamento espanhol, foi algo que se prolongou na literatura da colonização através dos escritos de Colombo que estavam carregados de detalhes sobre a natureza e as belezas naturais. Balaguer (1992) ressalta que para a expedição de Colombo o entorno da *Hispaniola* era descrito como se fosse um paraíso no meio do Continente Americano. Mas o mesmo Colombo que falava dos aspectos positivos falou também de aspectos negativos destes lugares, quando descrevia os habitantes como povos desprovidos de tudo. Os primeiros habitantes do Caribe e da América eram povos que não sabiam ler, ou seja, não tinham Deus porque não tinham a religião católica cristão, nem tinham sistema organizacional semelhante aos dos europeus, o que lhe faz considerá-los inferiores.

⁴ A história da literatura Dominicana começa com o nome de Colombo, que nos deixou em seu diário marítimo e em suas cartas, as primeiras descrições da natureza da ilha e que soube sentir e expressar como ninguém os encantos do paisagem nacional e transmitir-lo sob uma visão poética e por vezes excessivamente literária. Trad. Nossa.

Outro autor que se refere às primeiras impressões das belezas da ilha *Hispaniola* é Diego Alvarez Chanca que, como cita Balaguer, é considerado depois de Colombo, como um dos precursores do início da literatura na *Hispaniola*: “los rasgos de la naturaleza de la isla que señala em su relacione el Dr. Chanca coincide con los que se hallan en el “Diario” y en los demás escritos del primer almirante” (BALAGUER, 1992, p. 15).

Outro fato histórico que ecoa na região caribenha e em *El Masacre se pasa a pie* relevante para a região caribenha está relacionado à sociedade e ao mundo natural no Caribe e na América. Trata-se a nosso ver da importância do Frei Bartolomé de Las Casas no século XVI. Segundo Balaguer, os escritos de Las Casas subsidiaram a literatura sobre o Novo Mundo difundindo o catolicismo na *Hispaniola*. Balaguer afirma que “Las Casas puede ser considerado como el primer historiador que tuvo Santo Domingo” (BALAGUER, 1992, p. 17)⁵. Nesse caso, Las Casas foi considerado também o filantropo que chegou a defender os direitos dos povos indígenas no ano de 1527. Outro fator importante atribuído a Las Casas é a construção de escolas para desenvolver o processo de alfabetização entre os povos indígenas, conforme a doutrina do catolicismo. Vale ressaltar que as ações de Las Casas não foram aceitas pelos colonizadores espanhóis na época, que as consideraram desleais à Coroa da Espanha, apesar de estar na linha da colonização europeia, ao contribuir para impor o cristianismo aos indígenas. Apesar das divergências quanto às atitudes de Las Casas, pode-se dizer que ele percebeu bem de perto as crueldades aplicadas aos nativos da ilha pelos colonizadores. Las Casas teria sido sensível ao sofrimento e à dor dos povos indígenas:

⁵ Las Casas pode ser considerado como o primeiro historiador que Santo Domingo teve. (Trad. Nossa)

Iban todos tan cargados de oro, que más indios con cargas de oro que con bastimentos y comida ocupaban; pero, aunque el oro de su propia naturaleza tiene virtud de alegrar, la mucha hambre y cansancio que padecían los llevaba tan tristes y atribulados, que consuelo ninguno en su corazón podía entrar (LAS CASAS, 1985, p. 7)⁶.

A situação não era entendida pelos espanhóis que recriminavam Las Casas na época, já que ele era sensível à causa indígena. Entretanto, não se pode desconsiderar a importância do religioso para a formação das identidades dominicana, Caribenha e Americana. Segundo Balaguer analisando os escritos do início da literatura dominicana se percebe que Cristóvão Colombo, Diego Alvarez e Frei Bartolomé de Las Casas elaboraram os seus textos iniciais tendo em comum não somente as descrições das floras e faunas da ilha, mas também um olhar “maravilhoso” com as belezas encontradas na *Hispaniola*, associada à visão do mundo natural, com detalhes sobre as etnias habitadas.

Nesse sentido, os registros da época também trazem os nomes das várias etnias indígenas provenientes de ilhas perto a *Hispaniola*, que chegaram navegando ao encontro das embarcações. Os colonizadores passaram a nomear esses indígenas de Taino (Arawak), mas outros povos indígenas chegaram a ser incorporados a essa população como foram os Siboneyes, Igneris e Caribes. Após essa mistura de povos indígenas, segundo Balaguer, a literatura denominou todos os indígenas como povo Taino (BALAGUER 1992).

Segundo o historiador dominicano Jaime de Jesús Domínguez “De los aproximadamente 350.000 aborígenes que habitaban la isla al momento de la llegada de Cristóbal Colón, la mayoría era de origen arahuaco” (DOMINGUEZ, 1999, p. 9)⁷. Como eram nômades e se movimentavam em busca de terras firmes, chegaram à

⁶ Iam todos tão carregados de ouro, que havia mais índios com cargas de ouro do que com utensílios e comida; mas, ainda que o ouro de sua própria natureza tivesse a virtude de alegrar, a imensa fome e cansaço de que padeciam os deixavam tristes e atribulados, que nenhum consolo podia entrar em seus corações. (Trad. Nossa)

⁷ Dos aproximadamente 350.000 Aborígenes que habitavam a ilha no momento da chegada de Cristóvão Colombo, a maioria era de origem Arawak. (Trad. Nossa)

Amazônia. Para Oliveira (2011), os povos indígenas do tronco linguístico Arawak e Karíb chegaram ao território amazônico caribenho e implementaram suas tradições e línguas originais, não somente relacionadas às crenças religiosas que envolvem vários deuses, mas também à gastronomia e suas manifestações culturais, o que revitalizaria suas identidades étnicas, segundo o autor.

Nesse sentido, conforme a interpretação de Raleigh (1596), citado por Oliveira (2011), nos provoca com uma discussão sobre o espaço Caribenho que não é limitado apenas pelo mar do Caribe, mas se amplia com a presença da língua e cultura dos povos Karíb na Amazônia. Conforme o autor, ao observar a diferença dos povos da República Dominicana no período do século XVI não se identifica a existência de comércio com seus colonizadores e muito menos eram identificados como canibais, apesar de ser de origem dos povos das antigas Guianas. Isso é confirmado quando analisamos os textos do escritor dominicano Dominguez (1999): “Los arauacos, que posteriormente se establecieron en Cuba y Jamaica, eran conocidos con el nombre de tainos”. Desse modo, a literatura histórica caribenha aponta os povos indígenas arauacos (Arawak) como habitantes do mar do Caribe na fase do descobrimento e descritos por Raleigh Apud OLIVEIRA, 2011 como habitantes na região da tripla fronteira do rio Orinoco, na fase de ocupação europeia nas ilhas.

Também vale ressaltar a significação da palavra Taino, “... significaba “hombre bueno”, para de este modo diferenciarse de los índios caribes, que sí lo eran”(DOMINGUEZ, 1999, p. 9). Quando o autor fala do índio caribe, refere-se aos povos indígenas que moravam no território das antigas Guianas. Pode-se dizer que nesse processo colonizador da região caribenha os povos indígenas da Amazônia Caribenha ainda têm representação, estão vivos, enquanto na atual República Dominicana não é identificada a existência desses povos. Uma das causas da inexistência de indígenas no país poderia ser o genocídio cometido pelos colonizadores, bem como o suicídio como forma de escapar dos castigos físicos impostos. A historiadora Elizabeth Azevedo, em seu livro *Caribe o paraíso submetido* (1986), os povos indígenas que viviam na região central caribenha foram se extinguindo

de maneira rápida, uma vez que cometiam diferentes tipos de genocídios entre eles. Outros eram mortos por desobedecer às ordens que lhes eram dadas. Entretanto, segundo a autora, uma parte do grupo indígena fugia gerando assim a necessidade de mão de obra para trabalhar a terra em outros setores.

Com este histórico, cremos que a violência parece marcar o contato do espanhol com os nativos da ilha, o que teria causado o desaparecimento progressivo, mas implacável dos nativos. Tal violência provocou o tráfico de escravos africanos para superar a falta de mãos de obra, mas também teria impulsionado o processo de transculturação dos costumes e hábitos de trabalho dos indígenas Tainos. Lamentavelmente, nos dias de hoje, a República Dominicana não registra uma população indígena caribenha, o que a torna diferente de outros territórios como o da Amazônia Caribenha que tem uma grande presença de populações do tronco lingüístico Karíb e Arawak (OLIVEIRA, 2006).

Pode-se afirmar que na Amazônia Caribenha, mais precisamente no estado de Roraima a presença indígena é considerável. É possível observar índios que pertencem possivelmente às etnia Macuxi, Wapichama, Yanomami e outras deslocando-se pelas ruas de Boa Vista, capital de Roraima. Também verificamos diferenças urbanas com relação à República Dominicana. Os administradores do país, ao longo dos séculos, não preservaram seus ancestrais Arawak ou Karíb. Para Oliveira, os indígenas “ao chegarem à cidade de Boa Vista, trazem toda a sua história sociocultural e misturam com elementos socioculturais urbanos, sem perderem suas identidades étnicas” (OLIVEIRA, 2010, p. 53). Entretanto, não podemos nos esquecer de que a Amazônia é o que a pesquisadora chilena Ana Pizarro (2009) chama de uma “construção discursiva” e de que todo o seu legado é formado desta construção. Assim, a história dos indígenas como canibais, ou das amazonas como guerreiras, são discursos que vão sendo incorporados através dos tempos para formarem-se outros discursos que são difundidos no mundo, tais como o da Amazônia como pulmão do mundo ou o da Amazônia como espaço da existência da cura para as doenças incuráveis

Nesse sentido, pode-se afirmar que é o processo de transculturação como prefigura o antropólogo cubano Fernando Ortiz, quando, segundo o autor há diversos elementos culturais que se entrecruzam formando outros elementos.

3.1 Transculturações no Caribe

É interessante considerar que apesar dos genocídios dos indígenas a região caribenha passou por um processo de transculturação. A população da região, oriunda de quatro continentes, não poderia ficar isolada sem estabelecer relações culturais (OYAMA, 2009). Para falar de transculturação no Caribe, é necessário falar do antropólogo cubano Fernando Ortiz que apresentou o termo a partir dos anos 1940, no seu texto *Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar*. Para Ortiz o conceito transculturação é proposto para substituir aculturação:

Nos permitimos usar por primera vez el vocablo transculturación, a sabiendas de que es un neologismo. Y nos atrevemos a proponerlo para que en la terminología sociológica pueda sustituir, en gran parte al menos, al vocablo aculturación, cuyo uso se está extendiendo actualmente. (ORTIZ, 1993, p. 144)⁸.

A transculturação permeia a construção identitária da República Dominicana, da República do Haiti e da Amazônia Caribenha, lugares com muitas fontes de riquezas desde o século XVI, que significaram o encontro com o outro, o novo, o diferente, tornando-se, um processo que abriga duas ou mais culturas que se cruzam, para formar outra cultura com características diferentes, o que a nosso ver, pode ser um processo violento também, no nível cultural. Assim, esse encontro com o outro provocaria ganhos e perdas culturais, formando algo novo, uma nova cultura em um processo de neoculturação.

⁸ Permitimo-nos usar pela primeira vez o vocábulo transculturação, sabendo que é um neologismo. E atrevemo-nos a propô-lo para que na terminologia sociológica possa substituir, em grande parte, pelo menos, o vocábulo aculturação, cujo uso está se difundido atualmente. (Trad. Nossa)

É interessante observar que o conceito ortiziano como afirma a professora Livia Reis (2005), com os processos de modernização de inspiração estrangeira, foi incorporado pelo discurso nacionalista/crioulista latino-americano. Concordando com a autora, é importante salientar que na República Dominicana houve um processo de modernização na primeira invasão da República Dominicana que os Estados Unidos, do ano de 1916, perdurando até 1924. Neste período o discurso nacionalista ficou de fora e houve a valorização da cultura estrangeira, algo enfatizado amplamente em *El masacre se pasa a pie*, como será visto posteriormente. É também importante considerar que o conceito de transculturação se aplicava à realidade cubana o conceito abrigava o componente africano, valorizando-o, admitindo que o africano chegou às Américas como escravo e completou, com seu trabalho, a atividade do conquistador espanhol ou seja, semeou as terras e fez colheitas das produções agrícola e canavieira, contribuindo para a modernização das grandes capitais como Santo Domingo, na República Dominicana, e Porto Príncipe, capital da República do Haiti.

Para os africanos, manterem-se fechados, sem o contato com o outro, embora estivessem em posição submissa ao senhor branco, talvez fosse impossíveis. O escravo africano chegou à América com sua cultura fragmentada, pois foi arrancado de sua terra, à força, foi transportado e transplantado para um novo lugar, forçado a integrar-se em uma sociedade que não era sua, como ratifica o antropólogo cubano:

Los negros trajeron con sus cuerpos sus espíritus, pero no sus instituciones, ni su instrumentario. Vinieron negro con multitud de procedencia, raza, lenguajes, culturas, clases, sexos, y edades, confundidos en los barcos y barracones de la trata y socialmente igualados en un mismo régimen de esclavitud (ORTIZ, 1993, p. 147)⁹.

⁹ Os negros trouxeram com seus corpos, seus espíritos, mas não suas instituições, não seus instrumentos. Vieram negros de múltiplas procedências raça, linguagens, culturas, classes, sexos e idades, confundidos nos barcos e barracões do trafico e socialmente igualado em um mesmo regime de escravidão.

Os colonizadores impuseram sua língua, cultura, religião e as “regras do jogo” do poder, aos colonizados. Jorge Luiz Ferreira, em seu livro *Conquista e Colonização da América Espanhola* afirma que:

A violência, portanto, foi consequência de uma cultura conquistadora, cristã e espanhola, que, mesclada com o ideal religioso de cruzada e com o próprio fato colonial, deu impulso a uma luta pela glória de Deus da Coroa. (FERREIRA, 1992, p. 93).

Esta situação de violência imposta pela Europa originou os conflitos atuais entre República Dominicana e República do Haiti. Em quanto na primeira se fala a língua espanhola na segunda fala o *créole* além da língua francesa, logo há tradições culturais diferentes.

Na República Dominicana, a presença indígena é ainda que incipiente, mais oficial do que a presença negra, entre tanto a morte de um líder indígena chamado Enriquillo, da *Hispaniola*, por causas de sua resistência à Conquista, não foi entronizada como as sagas de outros heróis de negros, como Toussaint Louverture, um dos líderes da Revolução Haitiana. Mas pode-se constatar uma homenagem a esta figura lendária, no nome do lago dominicano, considerado o maior do Caribe, seguido pelo lago Azuei, localizado na República do Haiti, conforme Pons (1995).

Para Michel Foucher (2009), as fronteiras políticas entre os Estados do mundo de forma geral apresentam um caráter histórico essencial. O autor afirma que atualmente, o mundo possui 332 mil quilômetros de fronteiras entre Estados, mas adverte que ao longo da história, as fronteiras foram se modificando com a criação de novos Estados ou com a sua dissolução.

Para o Estado moderno, a fronteira é concebida como uma questão de segurança nacional, já que é garantia da soberania e da integridade territorial do país. Para o autor, a partir da fronteira, o Estado tem o controle sobre o seu território, que é regido pelas leis internas, ao mesmo tempo em que controla a entrada e saída de pessoas e de mercadorias de seu território. Como define André Martin Apud Sant’Anna,

2012, em seu artigo *As fronteiras políticas na bacia amazônica e a cooperação para a utilização dos recursos hídricos compartilhados*:

[...] os Estados modernos necessitam de limites precisos onde possam exercer sua soberania, não sendo suficientes as mais ou menos largas faixas de fronteira. Assim, hoje o 'limite' é reconhecido como linha, e não pode, portanto ser habitada, ao contrário da 'fronteira' que, ocupando uma faixa constitui uma zona, muitas vezes bastante povoada onde os habitantes de Estados vizinhos podem desenvolver intenso intercâmbio (MARTIN, 1992, p. 47), Apud Sant'Anna, 2012).

Durante um século e meio a situação de disputas entre Espanha e França fez surgir alguns tratados para minimizar ou acabar com os conflitos como o Tratado de Ryswick, assinado em 1697. Neste tratado a França ficou com a parte oeste da ilha, chamando-a de *Saint-Domingue*, e Espanha ficou com a parte leste, chamando-a de Santo Domingo. Outro tratado que surgiu foi o de Aranjuez, de 1777, reconhecendo e dividindo a ilha em duas nações, de um lado, o Espanhol, do outro lado o Francês.

É importante observar nos mapas seguintes as semelhanças geográficas dos dois países antes e depois dos tratados citados:

Figura 2 - Mapa original da Hispaniola até o ano 1697

MAPA 1



Fonte: Spanish Map of Hispaniolaby 1723, Brown University

Mapa original da *Hispaniola* até o ano 1697, quando a Espanha, através do tratado de Ryswick dividiu a ilha em duas partes *Saint Domingue* francês e Santo Domingo espanhol.

Figura 3 - Linha Fronteiriça segundo o Tratado de Aranjuez 1777

MAPA 2



Fonte: PONS, Frank Moya. 1995

No ano de 1777 surgiu um novo limite fronteiro que dividiu novamente a ilha em duas partes, já que os franceses insistiam na unificação das duas partes, apesar de assinarem os acordos anteriores. Surge o Tratado de Aranjuez, onde os espanhóis tinham um maior domínio da ilha.

Figura 4 - Mapa atual da República Dominicana e República do Haiti

MAPA 3



Fonte: PONS, 1995.

O mapa acima representa o ordenamento político atual, mostrando que estas duas nações compartilham o mesmo solo. Note-se a diferença que apresenta em relação ao mapa do ano de 1777; neste percebemos que a República do Haiti ganhou mais espaço territorial no ano 1929 quando o presidente dominicano Horácio Vasquez elaborou o “Tratado de Limite” que só vingou a partir de 1936 dividindo a República Dominicana e a República de Haiti novamente, segundo Pons (1995).

A partir de então, estas duas nações distintas, com dois poderes rivais e duas forças sociais opostas em suas aspirações e legalmente demarcadas começariam a buscar individualmente seu próprio desenvolvimento, sua própria educação e seu próprio governo apesar de ter o mesmo solo geográfico e o mesmo campo de ação, ou seja, seu próprio sistema político.

Os tratados acima não foram suficientes para que existisse a paz na fronteira, já que as disputas e conflitos continuaram por todo o século XIX e afloraram no século XX. Para Dominguez (1999), no governo do presidente Horácio Vásquez, em 1928, e anos subsequentes até 1937, como mencionado anteriormente, houve uma agitação para tentar resolver os problemas fronteiriços e para tanto foi necessário outro tratado no ano 1929, que acabou temporariamente com o problema na região. Deste modo, o Presidente Rafael Leónidas Trujillo, recém-nomeado na época, permanecendo no poder de 1930 a 1961, afirma em seu discurso durante a XIII Conferencia Sanitária Panamericana, no ano de 1950:

Desde el 1933 me puse en contacto con el entonces Presidente da Haití, Doctor Stenio Vincent, para que ambos procuráramos una ecuánime y final solución de las diferencias fronterizas a fin de que nuestros dos países pudieran entregarse, cada uno por su parte, sin interferencias peligrosas, al pacífico desarrollo de sus recursos naturales y de su misión histórica. El Presidente Vincent comprendió como yo la urgencia del arreglo y puso sus mayores empeños en la realización del mismo. En noviembre del 1933 nos encontramos oficialmente en el extremo norte de la frontera y en dos entrevistas extremadamente cordiales y fructíferas dimos comienzo a las negociaciones que nos condujeron a los acuerdos sucesivos del 1935 y del 1936, por los cuales se les dio fin al largo problema de convivencia. Poco tiempo después se reanudaron los trabajos de demarcación suspendido en 1930 para dejar íntegramente trazadas las fronteras que circunscriben y determinan con toda precisión los ámbitos territoriales y

jurisdicionales de cada una de las dos República afincadas en la isla de Santo Domingo. (TRUJILLO, 1950, p. 33)¹⁰

Pode-se pensar que existiu uma “boa intenção” por parte de Trujillo de buscar um acordo amigável para resolver os conflitos existentes na fronteira domínico-haitiana. Ele se pronunciou diante de dezenas de líderes de quase toda a América, neste evento, afirmando-lhes que houvera um acordo fronteiriço, mas na prática, percebem-se outras ações cujas consequências ressuscitaram outros conflitos entre estas duas nações.

Em *El Masacre se pasa a pie* estas informações do discurso feito pelo ditador são contrapostas quando descrevem as verdadeiras ações mostradas relacionadas aos reservistas, homens autorizados a matar, a obedecer ordens trujillistas para matar os haitianos da fronteira:

-Acabo de recibí unaj óidene seriaj. El gobierno ordena el degüello de cuantos “mañese” jallemo. No repete edá ni pinta. Quémelos jata vivos. Ey!... Saigentoooo!... tá jablando el capitán Ventarrón ¡un trago!... y cuanto romo jalle, tráigalo! Ya uté sabe! Teimine en la candela!... (CASTILLO, 1998, p. 28)

Tratava-se de um conflito fronteiriço que vitimou os moradores desta região conforme o discurso contra a imigração de haitianos dos governos da época como Trujillo, Horácio Vasquez Desiderio Arias entre outros, que insistia em afirmar que os conflitos eram apenas consequências do alegado roubo de gado praticado pelos haitianos. Esse discurso tinha o claro objetivo de isentar o governo ditatorial das responsabilidades da morte no rio *Masacre*.

¹⁰ A partir de 1933 entrei em contato com o então presidente do Haiti, Doutor Stênio Doutor Vincent, para que ambos procurássemos uma solução justa e definitiva para as diferenças fronteiriças para que os nossos dois países pudessem dedicar-se, um de cada vez, sem interferências prejudiciais, ao desenvolvimento pacífico de seus recursos naturais e sua missão histórica. O Presidente Vincent compreendeu como eu, a urgência e não mediu esforços para sua realização. Em novembro de 1933, nos encontramos oficialmente no extremo norte da fronteira e em duas discussões extremamente cordiais e frutíferas começamos as negociações que nos levaram aos acordos posteriores de 1935 e 1936, pelos quais foi finalizado o problema de convivência. Logo após, foram reiniciados os trabalhos de demarcação, suspensos em 1930 para delimitar integralmente as fronteiras que limitam e determinam os âmbitos territoriais e jurisdicionais de cada uma das duas Repúblicas na ilha de Santo Domingo. (Trad. nossa).

O rio *Masacre* é o marco nas sucessivas divisões do território da *Hispaniola*. Com 55 km de longitude, ele nasce na montanha de uma das 32 províncias da República Dominicana, chamada Dajabón, situada ao norte da fronteira a 360 km da cidade de Santo Domingo capital do país. Como marco divisório remonta a 1776, quando o governador José Solano e o Conde de Annery decidiram fixar esse rio como uma fronteira, segundo Pons (1995). O rio *Masacre* não teve este nome na época da Conquista; ele se chamava Dajabón, palavra com origens na fauna caribenha. Seria o nome de um peixe que era pescado no rio Dajao, e acrescido da palavra francesa "bonne", que significa bom, formou a palavra "Dajao bon". Somente em 1937, depois da matança de haitianos neste rio a população passou a chamá-lo rio *Masacre*, relacionando-o com as mortes daqueles haitianos mortos que ficaram presos na correnteza das águas misturados com o vermelho do sangue (PONS, 1995, p. 89).

Não há documentos oficiais mudando o nome do rio Dajabón para rio *Masacre*. Entretanto, a fronteira domínico-haitiana convive com estes ecos de violência, pois é como *Masacre* que é conhecido pela população desta zona fronteira. Pode-se depreender desta situação de força entre a História e a oralidade, que o poder que a população tem para registrar fatos que marcaram sua história, seus lugares violados, torna-se uma espécie de muro da vergonha, ou seja, busca-se esconder fatos negativos, mas a população quis escancarar a mesma situação negativa.

Hoje em dia, nem todas as pessoas das províncias dominicanas conhecem a verdadeira origem do nome do rio que marcou com sangue as relações entre dominicanos e haitianos em 1937. É na memória dos cidadãos dajabonianos que estão as lembranças do massacre, o qual dificilmente poderiam esquecer. Os gritos de seus irmãos haitianos ecoam nas águas do rio *Masacre*, corre nas suas correntezas a cor de sangue e o eco do barulho das facadas.

4 LITERATURA DOMINICANA, COSTURANDO OS FATOS

A atual literatura dominicana está fortemente vinculada aos movimentos políticos que propagam as reivindicações do povo que busca melhores condições de vida, mas há uma forte preservação de um nacionalismo ancorado na tradição literária espanhola.

Para Balaguer (1992), existem duas grandes gerações da literatura dominicana separadas pelo Trujillato. Assim, a primeira é configurada antes dos anos 1930 e a segunda geração se apresenta durante a ditadura de Rafael Leónidas Trujillo.¹¹

Na primeira fase, a produção literária olha para o modelo espanhol e tem como ícone, segundo Balaguer, Gaston Fernandez Deligne, considerado o precursor da poesia dominicana, pois:

Su poderosa originalidad consiste no sólo en el rico y extenso caudal de expresiones y de imágenes con que renovó el lenguaje usado por los poetas anteriores, sino también en el aparato filosófico y en la dignidad conceptual de que supo revestir sus grandes composiciones." (BALAGUER, 1992. p. 213)¹².

Deligne¹³ fez parte da inovação literária que a República Dominicana viveu no século XIX, do ponto de vista da Europa. Não há referências em Balaguer sobre personagens negros ou indígenas na literatura dominicana, logo, podemos afirmar que estes personagens que representam a população caribenha não participam da construção identitária literária nacional dominicana.

Outro escritor da primeira geração, de grande importância para a literatura dominicana, conforme Balaguer seria o poeta Emilio Prud' Homme, autor intelectual do

¹¹ Segundo Frank Moya Pons, Trujillo chegou ao poder produto de um golpe Militar contra o presidente Horácio Vásquez, Trujillo era filho do presidente Vásquez; Trujillo usou a confiança que tinha na presidência e assim chegou a governar o país coincidentemente a natureza se manifestou ao mediado dos anos 30 com o furacão San Zenon que arrasou a cidade de Santo Domingo, logo depois Trujillo aproveitou a situação, reformando a cidade e dando-lhe o nome Cidade Trujillo. (PONS, 1995)

¹² Sua poderosa originalidade consiste não somente no rico e extenso causal de expressões e de imagens com que renovou a linguagem usado pelos poetas anteriores, mas também no aparato filosófico e na dignidade conceitual que revestiu suas grandes composições. Trad. Nossa

Hino Nacional dominicano cujo tema descreve as lutas enfrentadas pelos independentistas na noite de 27 de fevereiro do ano de 1844¹⁴. Nesse sentido, tanto Deligne como Prud'Homme direcionaram sua poesia para a política defendendo o nacionalismo dominicano espanhol.

A segunda geração literária dominicana também pode ser chamada de literatura da “Era de Trujillo¹⁵,” Nos anos 1930 foi um tempo de angústia para a humanidade. É uma década que começou com o colapso da economia mundial e terminou com a Segunda Grande Guerra, onde se viveram momentos terríveis nos campos de concentração, e em consequência da invenção da bomba atômica. Também foi um período de grandes ditaduras em quase toda América Hispânica. Em *El Masacre se pasa a pie* no romance o narrador-personagem mostra a crise vivida na bolsa de valores norte-americana.

Nuestros pueblos, que afanan al sol, aprueban. Boleto ganado: Alza! Ficha perdidosa: Quiebra!. Y nosotros, los alegres habitantes de Macorís del Mar, habíamos perdido al póker de la caña!. El paisaje brillante, del sol, de mi pueblo, se tornó gris y nostálgico. Adiós la marinería exótica, rubia y ebria que abarrotaba el puerto y los bajos fondos. Adiós el humo de las fábricas gigantes. Sólo recuerdos, soledad. (CASTILLO, 1998, p. 20)

Além disso, Santo Domingo teve seus momentos amargos com a destruição da cidade, devido à passagem do ciclone nomeado San Zenon, que causou destruição em toda a cidade. Mesmo com toda a destruição provocada por fenômenos atmosféricos e por acidentes políticos, um grupo de jovens intelectuais dominicanos se achou perdido no mundo, procurando em suas raízes, a resposta e a inspiração espiritual de que precisavam, começando umas novas gerações de novos literários que expressavam seu pensamento contra os governadores da época.

Este período da literatura dominicana se caracterizou pelas rejeições e pouca ou quase nenhuma liberdade de expressão que os autores poderiam ter. Nessa perspectiva, a maior parte dos escritores não podia expressar seu descontentamento

¹⁴ Vale lembrar que o governo dominicano da época, Pedro Santana anexou a República Dominicana à Espanha.

¹⁵ Segundo Frank Moya Pons, períodos da ditadura dominicana em que os intelectuais eram assassinados, não tinham o direito de expressão e durou trinta e um anos, de 1930 até 1961. (PONS, 1995)

com o regime ditatorial, pois eles corriam o risco de ser exilados ou, mais provavelmente corriam perigo de morte. Tal situação pode ser exemplificada com o caso de Freddy Prestol Castillo, que levou três décadas para publicar *El Masacre se pasa a pie*, possivelmente por medo da ditadura.

Conforme Balaguer, outros escritores tiveram coragem de denunciar as perseguições políticas e falta de liberdade de expressão. Assim, surgiram movimentos que utilizavam a poesia para protestar contra a “Era de Trujillo”, como “La Poesia Sorprendida”, um movimento:

Poético que se ha desentendido en absoluto de las esencias de la vida nacional y que se ha propuesto utilizar el verso como expresión del sentimiento cósmico y de las vaguedades espirituales que caracterizan el alma contemporánea. (BALAGUER, 1992, p. 302)¹⁶

Desse movimento, ressaltamos dois grandes nomes; o primeiro deles é Juan Bosch, exilado em Cuba na década de 1940, onde com outros compatriotas, fundou um dos maiores partidos políticos da República Dominicana que é o Partido Revolucionário Dominicano PRD existente até os dias atuais. O segundo é o grande escritor Franklin Mieses Burgos, considerado o precursor intelectual da “Poesia Sorprendida”. Vale salientar que o principal objetivo da “Poesia Sorprendida” foi utilizar expressões cósmicas, demonstrar as realidades para serem compreendidas pelos poucos intelectuais que resistiam ao governo ditatorial. A metáfora utilizada nos poemas deveria ser bem empregada para evitar a censura. Vejamos um exemplo Domingo Moreno Jimenez em sua poesia intitulada “El diario de la Aldea” :

Oh naturaleza, ¿qué mal te he hecho
para que me castigues con una carga tan
desapacible?
Yo sé que vine del misterio,
pero los cambiantes de la vida son más inexplicables
que las flaquezas de la muerte, o que

¹⁶ Poesia que se afastou completamente das essências da vida nacional e que se propôs a utilizar o verso como expressão do sentimento cósmico e ambigüidades espirituais que caracterizam a alma contemporânea. (Trad. Nossa).

la sencillez de la nada.
<http://www.jmarcano.com/poesia/poetamp/moreno6.html>.)

Nesta poesia, percebe-se que as metáforas estão presentes já que são veículos de protesto contra o “Trujillato”. Balaguer afirma que o movimento não fazia críticas enfáticas ao sistema, porque seus representantes poderiam ser mortos pela falta de liberdade de expressão.

4.1. Costurando os fatos pela ficção

Ficção e literatura são termos que se complementam. Não é uma combinação de nossos tempos, pelo contrário, os dois gêneros sempre estiveram vinculados, supondo o estabelecimento claro entre narrativa histórica e ficção. É o que apresenta Linda Hutcheon e para quem “O historiador só poderia falar a respeito daquilo que aconteceu, a respeito dos pormenores do passado; por outro lado, o poeta falaria sobre o que poderia acontecer, e assim poderia lidar mais com os elementos universais”. (HUTCHEON, 1991, p. 142). Ou seja, a autora faz a diferenciação entre o historiador e o poeta, assinalando que o historiador fala sobre acontecimentos passados que ficam cristalizados nas lembranças dos leitores, enquanto que o poeta falaria com relação ao presente e ao futuro, já que vai permear a literatura com a ficção, caracterizando jogo de palavras que oferece uma viagem imaginária sobre a vida dos personagens que habitam a obra. Em *El Masacre se pasa a pie*, Castillo transita entre a História e a ficção, para ilustrar o massacre dos haitianos em 1937, mas é importante considerar que como não existem documentos históricos oficiais que assumam este fato, o autor tem uma grande responsabilidade para ligar história e ficção. Para Hutcheon, a história está vinculada ao social e ao cultural:

Ela parece estar inevitavelmente vinculada àquele conjunto de pressupostos culturais e sociais contestados que também condicionam nossas noções sobre a arte e a teoria atuais: nossas crenças em origens e finais, unidade e totalização, lógica e razão, consciência e natureza humana, progresso e destino, representação e verdade, sem falar nas noções de casualidade e

homogeneidade temporal, linearidade e continuidade (HUTCHEON, 1991, p. 120),

Em *El Masacre se pasa a pie*, o social está intimamente ligada ao histórico; o espaço no romance, no caso, a província de Dajabón, é esvaziado pelo êxodo causado pelo medo. Vejamos uma das descrições que mostra uma brevíssima descrição do povo ribeirinho de Dajabón:

Dajabón al fin!

Un pueblo de caña tostada por el sol más fuerte de la isla. Aldea pajiza, de estampa indígena, con sus tres calles vacias y soñolientas, que termina en el Masacre, donde el pueblo lava sus pies de barro.

¿No hay gentes?.. Poca. Casi todos han huido. Aquí la gente sigue emigrando, desde los días coloniales. Veo negros espantados y bocas mudas. (CASTILLO, 1998, p. 25)

O narrador-personagem descreve a província de Dajabón enfatizando o clima quente, caracterizando o calor como característica dajaboniana. Também enfatiza a falta de serviços públicos e de todos os recursos modernos que a capital oferece, como asfaltamentos, infraestrutura e bem-estar social. No trecho acima o autor sugere que os negros espantados, mudos, tem medo de falar porque a pronuncia pode denunciar sua nacionalidade estrangeira, ou seja, sua identidade haitiana. Sabe-se que uma das estratégias para diferenciar o dominicano do haitiano, ainda todos negros, era a obrigatoriedade da pronúncia da palavra “perejil”, do qual falaremos mais adiante. A vida em Dajabón, como descreve o narrador-personagem está parada no tempo, como talvez, na época da colonização, sem água, sem asfaltos nas ruas, sem sistema energético entre outras necessidades básicas que se precisa para chegar a ser uma cidade desenvolvida.

A violência não é omitida em *El Masacre se pasa a pie*. O autor poetiza o ambiente fronteiro com todas as suas características. Assim, o leitor viaja através de seu pensamento, remontando à época em que a democracia não existia, quando homens que acreditavam em mudanças ideológicas da época, eram calados no silêncio da noite, do seu sono.

Para abordar inicialmente o genocídio dos haitianos, o narrador-personagem define o massacre como:

El “Corte”... Es como decir, el Éxodo. ¡Qué tardes de polvo y de sol! Y las noches, largas. (La noche se alarga como para ayudar al crimen. En mi lecho, despierto, anhelaba la aurora. La aurora no llegaba. Continuaba aplastante, la noche) (CASTILLO, 1998, p. 27)

A palavra “Corte” ficou conhecida na fronteira por fazer referência à deportações injustas dos haitianos, cometidas pelos reservistas militares orientados, obrigados pela ditadura trujillista da época, na atual província de Dajabón. “El Corte” poderia ter também a escuridão da noite como parceira para ajudar aos militares a cometer o massacre os haitianos. O freio para as matanças seria a aurora, o amanhecer de um novo dia. Nesse sentido, o sol poderia conter a violência do massacre; mas até que ponto?

Os personagens que constituem parte fundamental da história contemporânea dominicana, cujos costumes, identidades e pensamentos se atrelam aos conflitos dominico – haitianos são apresentados em *El Masacre se pasa a pie* como personagens que representam os inúmeros haitianos que viveram e que vivem no território dominicano, ou são personagens que representam o poder ditatorial do Trujillato na época. Entre personagens haitianos temos a figura da mulher, solteira sem defensores da família nem amigo dominicanos.

Marcelle, personagem que no segundo capítulo de *El Masacre se pasa a pie* fugiu da morte, pode ser que assim como ela muitos outros haitianos tenham conseguido escapar do massacre e não ser massacrados, como sugere o narrador no trecho abaixo.

Marcelle, haitiana. Escapada del “Corte”. Lava en el Masacre, el río internacional pequeñito. Junto a Marcelle, está sarnoso, el perro “piti”. Perro haitiano, corredor, fugitivo, leve como la hoja seca del “chacha” Río claro; a veces, ocre; a ratos verdes. Otras, río tinto. Río con secretos. “Masacre” (CASTILLO, 1998, p. 29)

Marcelle conta com a presença do fiel cão piti, mas o animal também é haitiano, fato que não lhe garantia nenhuma segurança, já que o cão poderia ser morto a facadas a qualquer momento junto com ela, simplesmente por ser haitiano.

A violência do massacre era medida pela cor das águas do rio *Masacre* que servia de termômetro para saber se estavam ou não ocorrendo matanças ao longo do dia. No trecho acima, vemos que o rio mudava sua cor de acordo com a quantidade de sangue derramado no seu leito; ele se alterava entre vermelho vivo e vermelho claro dando a entender que o rio *Masacre* serviu como medida para saber sobre as atrocidades dos reservistas.

Assim como Marcelle, a maioria dos cidadãos haitianos que moravam na fronteira dominicano-haitiana são trabalhadores que lutam à procura de um nível de vida melhor, adentrando ao território dominicano para, em seguida, tentar trazer a sua família que ficava do lado haitiano. Mas as ideias do “senhor todo poderoso” e governador de todo o território dominicano pareciam ser outras, diferentes das ideias dos haitianos trabalhadores, pois:

Con el tiempo el haitiano había llegado a ser “el hombre”, como dice la expresión popular. Y él estaba satisfecho en esta rústica Arcadia donde a veces se usa el español, que apenas entienden los peones. Los cantares son de Haití. Hay en la piel un color cobre que resulta del cruzamiento de nuestros negros y el haitiano. (CASTILLO, 1998, p. 31)

O autor mostra que, antes do massacre o haitiano estava acostumado com seu estilo de vida na fronteira tanto no domínio linguístico assim como as tarefas laborais como, por exemplo, as tarefas dos canaviais. O haitiano tratava de entender e falava o espanhol essencialmente para sua sobrevivência e deste modo procurava ter um clima de paz junto ao seu povo irmão que foi, é e será para sempre a República Dominicana; o narrador- personagem expõe positivamente a mistura que existe entre dominicanos e haitianos, e que os fazem ser inseparáveis.

Outro personagem descrito pelo narrador é o reservista, aquele que é encarregado de matar haitiano e jogar o corpo fora da fronteira. Ele representa um

grupo de pessoas que colaboravam com o governo trujillista. O narrador-personagem agora onisciente, nos mostra os sentimentos, a verdadeira realidade em que os reservistas viviam quando executavam a ordem vinda da capital dominicana. Eles deviam obedecer às instruções que deveriam ser seguidas rigorosamente, por todos os escalões militares e não somente pelos reservistas:

Estampa menor, frente a la del Sargento Pío, que miraba la tierra soleada con sus ojos de tártaro. Sargento Tarragona: había todas las artes del gato y la rapidez del tigre. Sin embargo, está preocupado: ha recibido órdenes de terminar “en candela”. Esto significa que debe matar, destruir y finalmente entregar a las llamas las casas y las gentes. (CASTILLO, 1998, p. 31)

Qualquer sentimento de companheirismo mostrado para com o povo haitiano, não poderia ser mostrado; seus sentimentos, arrependimentos, deveriam ser abafados, pois na realidade, ao executar os haitianos, os militares obedeciam ao seu superiores, “al amo de la capital”, como afirma Castillo. Para executarem o serviço, os reservistas necessitavam de habilidades especiais como a “astucia de um gato e a rapidez de um tigre” que lhes permitissem matar quem num passado não tão longínquo foi sangue de seu sangue, separado apenas por um rio.

As armas usadas pelos reservistas produziam o som principal das matanças contra os haitianos: “Y... seguía la música sorda de los puñales bajo sol, mientras huían, asustadas, las abejas de los apiários” (CASTILLO, 1998. p. 32). O narrador-personagem nesta parte enfatiza a violência utilizada pelos reservistas, sua crueldade demonstrada contra os corpos dos haitianos.

O personagem Capitam Ventarrón, designado assim por sua exagerada capacidade de matar, destruir, tal qual o tornado que arrasa as plantações e destrói as casas por onde passa, além de obedecer às ordens para matar, hesitava em alguns momentos na sua função de matador, porque ficava com medo, perguntando-se quais seriam as vinganças dos haitianos:

Los ojos del Capitán querían ser rayos lumínicos para desnudar el misterio de la noche, puestos en asechanza sobre la ruta que parte a la izquierda del masacre y llega al pueblo haitiano de “Juana Méndez”, ¿Vendrán? ¿Vendrán los haitianos a vengar a sus hermanos?... (CASTILLO, 1998, p. 37)

O medo da vingança dos haitianos parece ser medido conforme o tamanho das atrocidades; uma vingança pode provocar a inversão de poderes, de posições superior ou inferior, ou seja, de dominadores, os dominicanos podem passar a dominados, o que assusta quem esta na posição superior. Acreditava-se na coragem dos haitianos pela grandeza do que foi conquistado por eles, a independência da colônia de *Saint-Domingue*, no século XIX. Algo importante que caracteriza o haitiano talvez erroneamente, como corajoso, vingativo o que faz com que o Capitán Ventarrón tenha medo da possível vingança que poderia ser em dose muito maior contra os dominicanos, principalmente para quem estava comandando as matanças no rio *Masacre*.

Pons (1995) aborda este medo dos dominicanos com relação à vingança dos haitianos. Para o autor, além de conhecidos como vingativos, os haitianos tinham o poder do vodu. É interessante observar que a população dominicana, sendo preta como a haitiana, não tem tido suas crenças religiosas valorizadas, sua africanidade é apagada.

Moraime Luís, personagem feminina, tem uma trajetória como a de Marcelle. Foi criada na República Dominicana e, de origem haitiana, representa a história de muitas crianças que foram entregues às famílias dominicanas para serem adotadas para garantir-lhes alimentação e moradia já que a situação econômica dos pais não lhes permitia criar seus filhos. Nesta situação, muitas delas não conheciam suas verdadeiras origens e não tinham nenhum tipo de identificação com os haitianos, já que no ambiente onde cresceram aprenderam a falar a língua do outro, a língua do vizinho, a língua espanhola que, no Trujillato, se tornou a língua dos inimigos: “Gritos fuertes; lamentos en dos lenguas, como el Masacre, que dijérase, canta a dos pueblos ribereños. (CASTILLO, 1998, p. 42)

O rio *Masacre* transporta os gritos das Moraimes que foram estupradas e massacradas só por não nascerem na parte leste da ilha *Hispaniola*. O narrador-personagem descreve Moraime Luís a partir de sua situação de jovem, indefensa. Moraime Luis dejó la virginidad en la arena del río, buscando la libertad. También dejó la vida” (CASTILLO, 1998, p. 42) Ela gritou em duas línguas, em espanhol e em *creole*¹⁷, perdida no espaço do rio e no tempo do “Trujillato”, como se buscasse sua identidade haitiana também perdida no tempo além da fronteira. Moraime também é vítima da violência. Percebe-se que a personagem, como outras, foi abusada pelos reservistas e depois morta, situação que parece acontecer não somente com ela mas também com outras mulheres haitianas que tentaram fugir da injustiça, das ordens do “Trujillato”.

O narrador personagem mostra sua decepção por ter ido morar nesta parte do país, na fronteira domínico-haitiana, onde se misturam duas culturas e duas línguas diferentes: “Las aldeas son bellas en la noche de luna. La luna casi no se ve en las ciudades. Sin embargo, cuán bella debe estar en la capital de mi país, bajo las arboledas” (CASTILLO, 1998, p. 53). O narrador expressa uma nostalgia com relação à capital dominicana. Talvez ele queira voltar a morar na cidade grande. Pois a distancia entre a capital e a cidade de Dajabón, na fronteira, representa um distanciamento com as origens, mas também representa o perigo da injustiça do “Trujillato”.

Em *El Masacre se pasa a pie*, os trabalhadores dominicanos são obrigados a deixar a cidade para trabalhar em cidades longínquas, sem estrutura física, na fronteira, por exemplo. Além do distanciamento que o narrador-personagem sofria, havia outras coisas que incomodavam sua vida, como por exemplo, a falta de justiça que existia na fronteira: “Justicia”... Estos que fuman tabaco de Virginia no han conocido el paso de esta langosta trágica sobre la tierra de ‘Castellanos’. Yo, en cambio, estoy recordando el espectáculo como un sueño de borracho (CASTILLO, 1998, p. 62).

¹⁷Está estruturalmente baseado no francês, mas misturado com línguas da África Ocidental, como o *wolof* e algumas línguas igbe. Fonte: http://es.wikipedia.org/wiki/Criollo_haitiano

O narrador-personagem faz uma denúncia contra a burguesia, setor que só se preocupava com seus lucros pessoais; não conhecia as dificuldades pelas quais um advogado poderia passar, ou qualquer recém-formado. O medo de ser confundido como um haitiano perseguido pelos reservistas o apoiava e alimenta o desejo de voltar à sua cidade; numa reflexão, quase uma crise de consciência, ele afirma:

¿Qué busco aquí?, me dice mi conciencia. “¿Por qué te hallas aquí?”... “ ¿Por qué no te vas? ... “Tienes hambre... como estos muertos... pero el pan que comes está sucio de sangre... Si sigues aquí, flotarás también en ese río, río sangriento!!! (CASTILLO, 1998, p. 63)

O desejo de fugir de Dajabón se mistura ao desejo de denunciar o som das facadas: “Si el crimen tuviese horario, como lo tiene el trabajo- que se inicia al alba y termina en el crepúsculo- de seguro que no serían estas horas aptas para su labor” (CASTILLO, 1998, p. 71). A matança não tinha horário para acontecer; poderiam ser feitas a qualquer momento e em qualquer lugar da fronteira, ao longo do rio *Masacre*, embora a noite fosse o momento em que os reservistas mais atuavam como dito acima.

Vale ressaltar que uma justificativa amplamente divulgada nos organismos internacionais para minimizar os conflitos da fronteira domínico-haitiana se relaciona às brigas entre fazendeiros e trabalhadores ocasionados devido ao roubo de gado dominicano pelos haitianos. “El haitiano es el caminante de la noche. Y el mejor guía es la brisa. Las narices de los haitianos parecen oprimir la brisa para que les digas donde están los corrales” (CASTILLO, 1998, p. 97). Reforça a ideia de que os haitianos roubavam à noite, “farejando o cheiro dos animais” para apropriar-se do gado dominicano. A limpeza étnica que o Trujillato fazia era justificada de qualquer forma, mas o medo da vingança haitiana era maior. Assim, podemos nos perguntar como os haitianos vivos poderiam vingar a morte dos haitianos massacrados?

4.2 Vingança haitiana na ficção

A vingança haitiana só poderia acontecer na ficção já que no plano real, em 1937, os militares haitianos não poderiam enfrentar o aparato militar dominicano, cujas armas eram superiores. Em *El Masacre se pasa a pié*, o narrador-personagem adocece no capítulo XVIII, tem uma febre delirante. A febre é utilizada como um recurso literário para tecer o passado da República Dominicana com personagens históricos haitianos e personagens ficcionais que representam os espanhóis, todos participantes de conflitos de interesses nas duas nações. Os personagens haitianos que aparecem na ficção, em sua maioria sofreram preconceitos e discriminações por causa da cor da pele, são maltratados e depois assassinados. Castillo ficcionaliza o retorno destes personagens históricos considerados heróis no Haiti e vilões na República Dominicana, para vingar as mortes de seus irmãos massacrados. Há um jogo entre passado e presente, entre heroísmo e vilania que sustenta a narrativa.

4.3 Os personagens do mundo haitiano

O narrador-personagem é acometido por uma profunda febre permitindo-lhe trazer para a vida terrena heróis históricos da Revolução Haitiana. O primeiro é talvez o mais importante, François Dominique Toussaint Louverture. Político e militar, o mais destacado líder da Revolução Haitiana que se tornou governador de *Saint-Domingue*, nome dado pelos franceses ao Haiti, antes da proclamação da independência em 1804, segundo Oyama (2009).

É relevante considerar que este líder é muito importante para os haitianos e para o Caribe de forma geral, como postula a autora, pois ele foi um ex-escravo que aprendeu a ler e chegou a ser governador da colônia, prevendo a liberdade para todos os habitantes das duas partes da ilha, embora a República Dominicana não queira admitir. A historiadora brasileira Elizabeth Azevedo como Oyama (2009): Apresentam a

Toussaint Louverture como um líder: “O líder haitiano, Toussaint Louverture, lutou ao lado da França e mobilizando a camada Negra da população (85%) expulsou as tropas estrangeiras, tornando-se governador em nome da metrópole” (AZEVEDO, 1986, p. 24). Vale salientar que a luta de Toussaint Louverture previa a liberdade dos negros das duas partes da ilha, sem a interferência dos brancos, ou seja, sem as elites brancas.

Em *El Masacre se pasa a pie* Toussaint Louverture é descrito como um assassino, cheio de ódio e de rancor contra o branco espanhol, mas há um jogo de palavras que valoriza o personagem haitiano, reconhecendo-lhe a ascensão de escravo a guerreiro :

Soy Santo Louverture... Toussaint!... Fui esclavo y cochero. Mira mis manos: Destilan sangre... Cobré a los blancos la injusticia, con la moneda de los oprimidos: La injusticia. Los amos franceses degollaban los negros, mis hermanos. Los descuartizaban a la menor queja. Sus perros, los mastines que trajo Rochambeau, el general de Napoleón, comían carne de negros... El comandante de la tortuga no recibiría pago por raciones, le había advertido Rochambeau. Debía alimentar los mastines con carne de negros... Al negro se le somete al suplicio de la rueda. Se descuartiza, sin lágrimas, con hacha, como los árboles. (CASTILLO, 1998, p. 179).

Na passagem acima é explicada a razão pela qual o personagem histórico Toussaint Louverture agia com violência. As estratégias dos brancos franceses para lutar contra a resistência dos negros rebelados eram igualmente violentas. Castillo denuncia, a nosso ver, a opressão da época da escravidão. É mostrado seu desejo de continuar acabando com os colonizadores sem esquecer os castigos aplicados aos negros e as mortes de seus irmãos. Historicamente, o cão faminto aparece como arma para perseguir os negros que fugiam das plantações das fazendas haitianas e caribenhas em geral, segundo Oyama (2009).

História e ficção se imbricam no sonho do narrador-personagem. O autor dá vida ao personagem imaginário herói haitiano. Pode ser que Castillo tenha se identificado com a sede de vingança e ódio atribuído a este personagem pela perda de seus compatriotas. Percebe-se que o discurso da violência e da vingança que sustenta Toussaint Louverture é cada vez mais nutrido em torno da violência, da vingança. Ele

não está disposto a perdoar, pelo contrario, ele deixa claro em várias passagens deste capítulo XXVII. Que seu triunfo será a vingança contra os brancos espanhóis também: “Morirán todos en la parte de Santo Domingo que gobiernan espanoles todavia...La Isla, una e indivisible... Haití sólo tiene por límites el mar...” (CASTILLO, 1998, p. 180).

O jogo entre passado e presente, na narrativa nos faz depreender que Toussaint Louverture deseja vingar-se, pois ele quer voltar atrás na história para humilhar e matar aqueles que massacraram seus irmãos na beira do rio *Masacre*, ou seja, o narrador cria em seu sonho febril um ambiente em que se visualizam os dois momentos históricos, a invasão haitiana da República Dominicana no século XIX e as matanças de haitianos no século XX. Nesses dois momentos históricos percebemos que o narrador enfatiza a violência aplicada às posições inversas à liberdade geral e ao massacre dos irmãos. Para tecer este jogo de violência, de racismo, Castillo mostra personagens brancos espanhóis que dialogam com os personagens haitianos.

Assim, Jean Philippe Dau, personagem haitiano, é caracterizado em torno da violência e da sede de vingança a ser aplicada contra os brancos:

Quiero beber sangre! !Sangre! !Más sangre!... La deseo beber con “tafiá. Sangre de blancos españoles!.. !Matad, mis soldados! Mata a todos estos españoles que no nos quieren porque somos negros y ellos son esclavistas... Dadme sangre, deseo lavar mi rostro con sangre, en honra de los dioses negro de Haití... Aquí, en San Carlos, no quedarán ni pavesas... Fuego, soldados, de Haití... matad hasta a los niños...”(CASTILLO, 1998, p. 180).

A palavra “sangre” aparece seis vezes no trecho acima, representando a fala do haitiano. Percebe-se que o personagem Jean Philippe Dau confirma e reforça o discurso do personagem espanhol Juan Vásquez, quando acusa os haitianos de matar todos os espanhóis da ilha, incluindo crianças e adultos brancos.

O estereótipo como discurso criado, construído, para caracterizar um grupo de pessoas pela cor da pele, pelas atitudes corriqueiras, como prefigura o teórico de origem indiana, Hommi Bhabha (1998), leva determinado grupo a enxergar o outro de

forma generalizada, tal como fora feito para reforçar o discurso colonial com preconceito, com atitudes racistas. Para Bhabha, o discurso é:

“um aparato estereótipo se apoia no reconhecimento e repúdio de diferenças raciais/culturais/históricas. Sua função estratégica predominante é a criação de um espaço para ‘povos sujeitos’ através da produção de conhecimentos em termos dos quais se exerce vigilância e se estimula uma forma complexa de prazer/desprazer. (BHABHA, 1998, p. 111).

Em *El Masacre se pasa a pie*, Jean-Jacques Dessalines, considerado como outro herói ex-escravo da Revolução Haitiana, historicamente coroado Imperador do Haiti logo após da proclamação da independência desse país em 1804, é apresentado como algoz:

Dominicano... soy Dessalines, el amo de Haití!... Sólo os queda un camino: la muerte por el hierro y el incendio de vuestras haciendas... Arrearé hacia Haití todas vuestras bestias y ganados. Mi paso lo marcará el incendio. Donde no hay campos, no hay ciudades. Vuestro destino es morir bajo las botas de las tropas de Haití... No escaparéis ni ancianos, niños, ni mujeres!... Esta tierra no la pisará un solo blanco. Haití... Tierra unicamente para los negros! (CASTILLO, 1998, p. 182)

O discurso que construiu a imagem de Toussaint Louverture como algoz também construiu a de Dessalines, caracterizado como alguém vingativo com relação aos brancos espanhóis, pois o objetivo principal do personagem, como se vê no trecho acima, é de matar os brancos, para depois tornar a ilha indivisível única para as pessoas de cor de pele preta, ou seja, “terra única para os negros”.

O discurso da violência delineia então a figura destes personagens na República Dominicana. Novamente podemos pensar que o medo do espanhol de perder a colônia com novas invasões haitianas teria levado a sociedade colonial a construir este discurso. Castillo reproduz este discurso apontando a atualidade deste na década de 1930, início do Trujillato.

4.4 Os personagens do mundo espanhol

No âmbito dos personagens espanhóis, Dominga Nuñez representa os fazendeiros proprietários de gado e de plantações, personagens históricos que jamais reconheceram os haitianos revolucionários como líderes das lutas pela liberdade. Segundo Oyama (2009), as nações americanas deram as costas ao Haiti após a sua independência da França, em 1804, com medo de que seus escravos também pudessem se rebelar contra os senhores e acabar o poder dos brancos. Neste sentido, Dominga Nuñez reage:

-Soy Dominga Núñez, española de Santo Domingo. ¡Negro insolente! ¡Cuidado si me tocas, con tu bastón, en esta plaza donde has reunido al pueblo todo, para degollarlo! Para Españolas, otro modales aprende! Mata, degüella, presto, si desea... ¡pero te despreciamos!!". (CASTILLO, 1998, p. 180).

Como os espanhóis, senhores brancos agora membros da elite dominicana, a personagem está disposta a lutar contra o controle haitiano em que ela marca e defende sua identidade espanhola, num jogo de espelho cuja imagem aparece retorcida com relação ao inimigo, pois ela e todo o grupo de espanhóis não se entrega ao novo poder, o poder dos haitianos.

A pretensa superioridade de Dominga Nuñez reflete o etnocentrismo do colonizador europeu e sua prepotência pela suposta educação ocidental que ela tem e pelo não reconhecimento do valor dos haitianos. Don Antonio España, branco espanhol, também reforça o discurso racista contra os personagens pretos:

-Señor, soy inocente. Soy don Antonio España. Labro mi tierra, ved mis esclavos, que son como mis hijos. Ved que mis esclavos desprecian vuestra libertad, vuestra liberación...Por qué me matais, aquí en mi estancia, donde crecen la caña y el tabaco y donde se eleva mi corazón a Dios! A que viniste a esta tierra, a depredarlo todo, a matarnos a todos, a incendiar nuestras casas y a robar nuestro ganado?... I ahora, partís mi pecho con vuestra lanzas y sacais mi corazón y lo devora, vivo todavía, vuestra tropa de dahomeyanos!..." (CASTILLO, 1998, p. 180).

Note-se que os fazendeiros espanhóis representando a elite branca, também reforçam o discurso do dominador de pai dos dominados. O branco, o dominador, seria necessário ao dominado, pois daquele vem a alimentação e outros supostos benefícios. Entretanto, o que parece neste trecho do discurso de Don Antonio España, é o medo de perder seus escravos, seus bens, pois seus escravos “son como mis hijos” e estes filhos, ainda que pretos e escravos como os haitianos, “desprecian” a liberdade, seus escravos não poderiam pensar em ter a liberdade, deviam obedecer ao pai branco, não deveriam ouvir os haitianos libertos. Por fim, percebe-se que tanto Dominga Nuñez como don Antonio España enxergam os haitianos como inimigos, como ameaça à relação senhor/escravo que ainda existia no lado espanhol.

No sonho febril do narrador-personagem de *El Masacre se pasa a pie* também há o representante da Igreja, do cristianismo, imposto pelos europeus a toda América:

Matadme a mí!... Soy el padre Juan Vásquez, el que os odia, bebedores de sangre... Arrimad más leña aquí, al altar. Ved más madera. Aumenta el pábulo en que vais a quemarme vivo, dentro de esta Casa de Dios... El os lo cobrará. Quemareis mi cuerpo como un pabulo. Debo acompañar a mis feligreses, que acabais de asesinar, sin respetar mujeres, ancianos y niños, en esta Iglesia, hoy día de penteconstés... Quemad! Liberais mi cuerpo miserable... Negros malditos, bebedores de sangre!”(CASTILLO, 1998, p. 181)

O personagem Juan Vásquez é porta-voz do cristianismo e seu discurso exalta a defesa do seu rebanho, diga-se da elite espanhola. Desempenha, assim, seu papel de defensor das almas brancas, jamais as almas pretas, escravas, tampouco as almas dos escravos revoltados. Pelo contrário, como a personagem Dominga Nuñez, Juan Vásquez acentua as possíveis inferioridades dos haitianos, com olhar etnocêntrico. Ele também enfatiza a violência utilizada pelos haitianos que, para ele são “bebedores de sangue”, ladrões de gado, logo, não seriam dignos do cristianismo.

Depois de acordar do profundo sonho, onde havia muitas mortes, o narrador descreve a solidão e a calma que existem no lugar adentrando-se na realidade, fazendo comparações dos grandes oceanos, com o oceano de sangue que houve ao atravessar o rio Dajabón, que divide haitianos e dominicanos. É interessante observar que o sono

febril serve de referência de tempo e de espaço para os fatos históricos relacionados à invasões haitianas. Serviria para mostrar uma identidade perdida que os dominicanos não querem reconhecer. O narrador viaja ao passado, mergulha na História, encontra-se com grandes líderes haitianos. Porém, ele reforça o discurso que alimenta os conflitos entre dominicanos e haitianos, ainda que sugira denunciar a violência dos conflitos dos dois países em questão.

Com relação ao segundo momento histórico do massacre de haitianos no século XX, percebemos que o narrador retoma o conflito do passado em seu profundo sonho, fazendo uso da ficção, mostrando a força que tinham estes personagens de diferentes instituições, ou seja, a mulher, representada por Dominga Nuñez, os fazendeiros da época que utilizavam as mãos trabalhadoras, representado pelo personagem de Antonio de Espana, a Igreja, representada pelo padre Juan Vásquez, e por último os personagens revolucionário do Haiti, representados por Toussaint e Dessalines.

Os personagens negros são representados, como vimos em *El Masacre se pasa a pie*, com agressividade e violência e são chamados de “Ferozes caníbales de Haití”, ou seja, dentro do mesmo sonho febril o narrador-personagem descreve o ódio dos personagens com racismo e preconceito construído pela elite dominicana contra os haitianos.

Nesse sentido, no discurso dominicano que alimenta o racismo em *El Masacre se pasa a pie*, ser preto é ser “ninguém”, sem chances de ascensão social. Pensamos que Castillo estimula o debate sobre as derrotas dos dominicanos frente aos haitianos, com a materialização dos personagens históricos haitianos que marcaram conflitos históricos na fronteira dajaboniana.

5 MEMÓRIA EM *EL MASACRE SE PASA A PIE*

A memória histórica dominicana remonta ao passado da conquista, da colonização da ilha *Hispaniola*. Antes mesmo da chegada dos colonizadores a esta região, existiram no mundo as invasões de países mais poderosos que queriam possuir ou dominar os que tinham menos força. A República do Haiti e a República Dominicana compartilham a mesma memória histórica que as fazem ser irmãs inseparáveis. Uma destas primeiras histórias em comum é a chegada dos espanhóis à ilha *Hispaniola*, como visto antes, neste trabalho, o que é ratificado pelo cubano Alejo Carpentier afirma que: “Justamente em Santo Domingo- a mesma terra aonde os espanhóis haviam trazido o conceito de colonização- que surgiu o conceito de descolonização” (CARPENTIER, 2006, p. 142). Ou seja, foi nesta parte do mundo onde existiu a primeira luta do escravo em favor de sua independência, idealizada por um haitiano, situação que deu origem à libertação do primeiro povo negro nas Américas.

Para o conflito domínico-haitiano na região fronteiriça, esta qualidade é contraditória, pois o discurso em torno da “ferocidade” do haitiano que impiedosamente mata crianças se sobrepõe ao discurso da conquista da liberdade negra. Os haitianos são vistos como canibais assassinos negros do homem branco, esse discurso é alimentado na cabeça das crianças dominicanas e se repercute até os dias atuais pela memória.

Segundo Halbwachs (1990), os homens têm duas memórias, uma memória pessoal e outra social, ou seja, os homens teriam uma memória autobiográfica e uma memória histórica, em que “A primeira se apoiaria na segunda, pois toda história de nossa vida faz parte da história em geral” (Halbwachs, 1990, p. 55). Em *El Masacre se pasa a pie* são mostradas a memória coletiva e a memória individual. Vale salientar que um dos fatores determinantes na formação da memória coletiva histórica dominicana é o período conhecido como “España boba”, remontando ao século XIX. A “España boba” é a época que compreende a rendição do general Du Barquier, em 11 de julho de 1809, até a proclamação da chamada “Independência Efêmera, por Núñez de Cáceres, em 30

de novembro de 1821” (DOMÍNGUEZ, 1999, p. 92). Este período foi caracterizado pela miséria, no tempo em que os espanhóis estavam em crise e não conseguiram apoiar o sistema político e financeiro que havia até esse momento na colônia de Santo Domingo. Assim, a elite dominicana se via literalmente “entre a cruz e a espada”, pois deveriam escolher a unificação das duas São Domingo ou esperar recursos de uma Espanha falida. Neste período, sugeria o medo da concretização da unificação das duas nações.

Em *El Masacre de pasa a pie*, se percebem as diferentes histórias que alimentam a memória individual, no caso, a de Castillo, relacionadas aos acontecimentos anteriores e posteriores ao massacre dos haitianos em 1937. Percebe-se que estas histórias alimentam a memória coletiva dos dominicanos que viveram no começo do século XX. Escolhemos especificamente analisar a história da infância do narrador-personagem, as lembranças do Capitán Ventarrón, chefe dos reservistas, as lembranças do personagem Mustalí e as da personagem Eloisa.

O primeiro capítulo de *El Masacre se pasa a pie*, se inicia com narrador-personagem relembando sua infância quando estava na escola. Descreve a seu professor de geografia e as aulas que teve sobre as cidades que ficavam longe de Santo Domingo, como um lugar não existente na ilha:

El maestro había pronunciado una palabra rara: “Dajabón”... Se refería a una aldea lejana de mi país. Era en la clase de “Geografía Patria” y tratábase de límites entre República Dominicana y la República de Haití, ambas en la Isla Hispaniola de Santo Domingo, una de las grandes Antillas, en el mar Caribe. Era de una familia ilustre de la capital y jamás había salido a “esos pueblos” (CASTILLO, 1998, p. 17)

Note-se que o professor não tinha muito conhecimento da demarcação geográfica da ilha pelo fato de o narrador-personagem utilizar a palavra “rara”. O professor parece ser egocêntrico. Não admitia que houvesse outras cidades, apesar de ministrar aulas de geografia. Mas seus conhecimentos geográficos estavam limitados à pequena burguesia do começo de século XX.

Assim como o professor, os alunos desconheciam os limites da República Dominicana. Ele ignorava a pobreza que ficava no interior do país; pois só desfrutava da riqueza e beleza que a capital oferecia. O etnocentrismo do professor era tão grande que além de não ter conhecimento das situações geográficas do país, para ensinar geografia as crianças. As fontes pesquisa que ele utilizava de pesquisa eram de outro lugar, e de outros países, como a “New York Time”, publicada nos Estados Unidos. Ignorava o jornal local que nesta época já estava em circulação no país, o “Listín Diário”, que até os dias atuais ainda circula.

O professor falava que o fato de pesquisar e ler este tipo de jornal e revistas internacionalmente era estar na moda, era buscar a civilização, mas pelo olhar da riqueza e exuberância do norte. Também ignorava a economia da República Dominicana como a comercialização da cana de açúcar que teve os melhores preços no mercado internacional no começo de século XX. Também desconhecia as riquezas naturais que habitam o interior do país, como as “grandes montanhas”, “o verde pasto misturado com o fino cheiro das árvores”, como observa o narrador-personagem. Observamos que há um convite ao leitor para visitar o passado histórico dominicano que compreende o período da primeira intervenção militar àquele país do ano de 1916 até 1924, período em que aos professores não interessava ensinar os limites geográficos da fronteira Domínico-Haitiana.

Podemos afirmar que, Castillo, tendo nascido em 1914, ele viveu os primeiros anos da primeira invasão americana. Porém o narrador- personagem foi educado nas escolas onde estudavam os filhos dos soldados interventores dessa época e pode ser que os professores fossem americanos, já que ele cita as revistas de moda e os jornais do estado norte-americano:

El maestro era extranjerizado en sus preferencias. En suma, un importante señor capitaleño que leía el “Times”, las revistas deportivas, de arte y de modas, exótica. “Esto es civilización!” decía, al hojear las revistas extranjeras. (CASTILLO, 1998, p. 17)

A curiosidade de criança vai longe, pois o narrador-personagem mostra seu interesse em conhecer a fronteira, além da ignorância do professor que parece ser egocêntrico. Não admitia que houvesse outras cidades, ele ministrava aula de geografia, mas seus conhecimentos geográficos estavam limitados à pequena burguesia do começo de século XX, na capital da República Dominicana.

Considerando os dados históricos anteriores, pode-se perceber que a sociedade da época estava influenciada pelas autoridades norte-americanas, tratando de impor suas regras em todos os âmbitos do país. Para o professor de geografia era muito mais fácil falar de Abraham Lincoln, destacado presidente dos Estados Americanos, ou mostrar a seus alunos como estava formada a colônia americana e seus estados, já que ele tinha um olhar para o poder Norte Americano.

Aqui temos uma memória do passado relembrada tempos como bem afirma Halbwachs em seu livro *A Memória Coletiva*.

Não é suficiente reconstituir peça por peça a imagem de um acontecimento do passado para se obter uma lembrança. É necessário que esta reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros. (HALBWACHS, 1990, p. 34)

Partindo da afirmação acima e da leitura feita até o momento sobre a colonização da *Hispaniola*, podemos afirmar que a memória coletiva dos dominicanos foi construída ao lado da memória coletiva dos haitianos. Assim, a memória dos dominicanos está suscetível, mostra resistência em reconhecer os valores africanos, dos haitianos, por conta dos aspectos negativos que se acumularam ao longo da história das duas nações, pois, como afirma Halbwachs, a memória apoia-se sobre o “passado vivido”, o qual permite a constituição de uma narrativa sobre o passado do sujeito de forma viva e natural, mais do que sobre o passado apreendido pela história escrita.

As memórias que o escritor apresenta são relacionadas a infância do narrador-personagem mostrando que seus professores tinham preconceito contra os haitianos:

“me intrigaba ese nombre, raro, y yo pensaba como sería aquel lejano haz de nuestra tierra a, frente a Haití.” ¡rarezas de la geografía! En esto, escuchaba el “gong” que ponía punto a las aburridas clases en que se intentaba explicarnos el país en que vivimos. (CASTILLO, 1998, p. 18)

Além de o professor não conhecer a beleza do interior do país, especificamente o entorno fronteiriço, ele descreve erradamente a maioria dos camponeses do país especificamente os de “Dajabón”. O narrador- personagem não perdeu o interesse em conhecer a zona fronteiriça e quer compreender sua própria versão do que o professor havia falado sobre “Dajabón”, na sala de aula, na sua infância.

O fato de o professor não conhecer Dajabón e não valorizar a cultura local incentivava seus alunos a valorizar outra cultura que não era a deles. Seria uma estratégia governamental de não ensinar a história verdadeira amarga que delimitou a fronteira domínico-haitiana através dos tempos, situações conflituosas desde a chegada dos colonizadores à *Hispaniola*.

Assim, as sucessivas invasões dos haitianos à República Dominicana são marcadas como uma sucessão de acontecimentos que se cristalizaram na história do país. Nesse sentido, a memória coletiva pauta-se na continuidade e deve ser vista sempre no plural (memórias coletivas), como defende Halbwachs (1990). Neste trecho de *El Masacre se pasa a pie*, podemos perceber que seria impossível esquecer estes fatos: “-Muchachos! Pa'lante... Pa' acabá con estos negros, con esta “garrapata”, que se han cojío la tierra de los dominicanos! Pa'lante! (CASTILLO, 1998, p. 33). Ora, justamente porque a memória de um indivíduo ou de um país está na base da formulação de sua identidade, que a continuidade é vista como característica marcante. A memória coletiva pode sustentar aquele discurso criado, difundido na sociedade colonial há séculos passados, produzindo manifestações de racismo e de preconceito.

De tal modo, para Halbwachs, “{...}, se a memória coletiva tira sua força e sua duração do fato de ter por suporte um conjunto de homens, não obstante eles são indivíduos que se lembram, enquanto membros do grupo” (HALBWACHS, 1990, p. 50). O autor reafirma que nós temos uma única memória que se lembra do que aconteceu

no grupo e que essas informações de trágicos acontecimentos são uma transferência que é comunicada a outras gerações que ficam na memória de muitos e, talvez esquecidos por outros que não querem manter o ódio em seus corações e ressentimento por causa de eventos que devem ser esquecidos. Lembrar o passado seria alimentar o ódio e ressentimento desse fato.

O antropólogo Michael Pollak, ao caracterizar a relação entre memória e identidade, define a memória como um fenômeno construído (consciente ou inconsciente), como resultado do trabalho de organização (individual ou socialmente) (POLLAK, 1992, p. 200). Ao relacionar memória e identidade, o autor afirma que são gerados valores que são disputados como conflitos sociais e intergrupais que opõem grupos sociais e políticos diversos.

Neste sentido, podemos ver que além de o narrador-personagem de *El Masacre se pasa a pie* relatar a postura discriminatória que o professor tinha em questão de identidade, ele traz a memória da situação social na qual ele viveu, mostrando as riquezas e os bens que sua família tinha, mas perdeu com a crise da bolsa de valores norte-americana. Tal situação despertou-lhe curiosidade de conhecer e pesquisar que existia detrás das grandes paredes que cobriam sua luxuosa casa:

Mi padre tenía vastos campos sembrados de caña de azúcar. Yo no conocí ese paisaje, ni el barracón de los sembradores negros, ni la dureza de los soles. No conocía lo que había dentro de aquellos bohíos, achatados y tristes. Yo veía los obreros, sucios, unos hombres que cantaban tristes melodías en los atardeceres del puerto. (CASTILLO, 1998, p.19)

O olhar do narrador-personagem não parece ser etnocêntrico, pelo contrário ele se identifica com a causa de tristeza e pobreza dos trabalhadores das terras de seu pai. As riquezas de seus pais eram de seus pais e ele era convidado a conhecer o motor que produzia os bens e produtos que chegavam ao seu lar; da situação de pobreza em que viviam os trabalhadores das fazendas, os filhos da elite não entravam. O narrador-personagem mostrar as derrotas de sua família nos negócios:

Nuestra riqueza familiar en dineros, tierras de caña de azúcar y haciendas, se había evaporado. Mi padre había decidido pagar la mínima obligación; entregarlo todo a sus acreedores, incluso la casa solariega, la rica mansión que nos vio nacer. (CASTILLO, 1998, p. 21).

A falência dos bens da família do narrador-personagem também significou muitas perdas. Significou a morte da riqueza material, mas também significou a perda de seu pai, o que pode significar o nascimento de sua maioridade e liberdade como cidadão.

O personagem Capitán Ventarrón, chefe dos reservistas, é descrito pelo autor como homem forte e teimoso; em algumas ocasiões da obra ele é mostrado com valentia, disposto a fazer qualquer coisa para cumprir as ordens do ditador, até a matar, “como la quería el amo del Capitán y de todos: el amo de la República Dominicana” (CASTILLO, 1998, p. 33). O Capitán Ventarrón rememora, traz lembranças que lhe dificultam mostrar-se um homem forte, refletindo uma ambiguidade no seu comportamento.

Nesse sentido, a ambiguidade do Capitán “Ventarrón” oscila entre o temor e a valentia, em alguns momentos meditava como homem de “bom coração” mais em outros momentos ficava tenso, com desejo de matar. Em determinadas ocasiões lembrava que seu avô era haitiano, logo, suas origens haitianas estão em jogo, em conflito, mas ele deve obedecer: “En un momento recordó que su abuelo había nacido en Haití!... Y entonces sorbió casi medio frasco de ron. Sus labios temblaban todavía, y miraba la gran sabana como un idiota (CASTILLO, 1998, p. 28). Percebe-se que há uma crítica velada à ditadura, que forçava ao reservista aceitar a condição de reservista para uma causa sem justificativa. Ao mesmo tempo, a fuga do personagem para não pensar nas suas origens estava no consumo do rum. O álcool era sua principal ferramenta para executar as ordens dos seus superiores.

Também percebemos que Castillo apresente o personagem Capitán Ventarrón simbolicamente como Trujillo para omitir o nome do ditador no romance.

5.1 Mustalí ou a voz da Memória

No decimo capítulo, é apresentado ao leitor o personagem haitiano Mustali, idoso, que conta suas memórias ancoradas na história do Haiti. Ele em sua juventude foi professor e embora viva há mais de 50 anos em terra dominicana, ainda fala misturando o *créole* haitiano e o espanhol, algo muito comum na fronteira, já que a maioria da população desta demarcação territorial tenta falar as duas línguas, seja para fins comerciais ou seja para adaptação cultural.

O personagem Mustalí representa a memória ou patrimônio cultural haitiano na fronteira, pois ele passava seus dias contando histórias para seus netos, histórias conflitivas, que mantem o passado vivo. Através das afirmações de Mustalí o leitor de *El Masacre se pasa a pie* conhece a história de outros heróis haitianos. Ele falava orgulhosamente das monarquias passadas do Haiti e das lutas lideradas na época pelo povo haitiano contra os brancos franceses e espanhóis. Henri Christophe também foi ex-escravo, como Toussaint Louverture e Jean-Jacques Dessalines, e após a proclamação da independência haitiana, segundo Oyama (2009), assumiu a administração do país, ao norte, proclamando uma monarquia, ainda enraizada na memória haitiana através das ruínas do palácio *La Ferrière*, para fazer oposição ao presidencialismo ao sul, liderado por mulatos. Assim, “-Cristophe le roi!... hombre grande! ... más grande que tó el dominiquén... una vez Dessalines mató dos mil blancos en “El Cabo”... Et l’empereur Soulouque... Et Tousaint...” (CASTILLO, 1998, p. 75). Note-se que o fato de Mustalí contar para as crianças, seus netos, estas histórias enraizadas nas suas lembranças, representa a nosso ver uma estratégia de desconstrução do discurso da violência. Ou seja Mustali mostrava que os haitianos não eram canibais ferois.

Na atualidade quando a criança de três anos vai para a escola, ela ingressa em um ambiente de anti-haitianismo gerado pelo trujillismo que reforça a invasão da República Dominicana, apresentando a memória histórica dos dominicanos. O sistema político não quer esquecer as rivalidades relacionadas aos haitianos. Pode-se perceber

que as crianças reproduzem os estereótipos criados por adultos, mas há a possibilidade de mudanças, de ampliações ou reduções. Para Bhabha (2011), o estereótipo é “um modo de representação complexo, ambivalente e contraditório, ansioso na mesma proporção em que é afirmativo, exigindo, não apenas que ampliemos nossos objetivos críticos e políticos, mas que mudemos o próprio objeto de análise” (BHABHA, 2011, p. 110).

Faz parte da cultura dominicana ensinar as crianças a serem preconceituosas cedo, o que seria uma estratégia ditatorial, ou seja, impor crenças. O narrador ilustra esta estratégia recorrendo mais uma vez à sua infância com relação aos adultos mais próximos. Ele apresenta sua tia Eloisa como uma pessoa muito preconceituosa contra os haitianos, situação que parecia absurda àquela criança, esta não poderia entender muitas coisas que passavam pelas cabeças suficientes dos adultos, não tinha idade para entender a questão e suas perguntas “inferiores” só ficavam em sua mente, sem repostas. A relação familiar com a vizinhança também está impregnada de preconceito e racismo:

-Te recuerdo, Pablo. Cuando apareciste en casa eras negro, feo, pobre- la tía Eloísa quiso acosarte como a una mosca. A hurtadilla jugábamos en el patio, verde de frutales, tornasolado de aves exóticas y nativas que había puesto allí mi padre. Apacibles sombras verdeantes, bellas reatas con claveles, agua en los canales, algunas estatuas. Cerezos maduros y “jobos”. Penetraste al patio señorial como estilan los ladrones en casa de ricos: con temor y odio. Temias a tía Eloisa! Un día me dijiste, con brusquedad: -Tú eres rico! (CASTILLO, 1998, p. 195).

A reprodução do estereótipo racista segue na obra através do personagem de Pablo amigo do narrador-personagem. As crianças reproduzem as atitudes dos adultos, ofendendo em muitas ocasiões o seu amigo, só porque ele não tinha as mesmas condições econômicas, não tinha luxo em sua casa. Pablo não tinha privilégios na casa do vizinho e o único acesso à casa era feito pela porta de trás, escondido, tal qual o haitiano sem visto para permanecer no país fronteiriço.

Mas, o que lhe importava era brincar. Pouco lhe importava se sua tia Eloisa usava expressões, apelidos discriminativos para falar com Pablo com o objetivo de não permitir que seu sobrinho se relacionasse com um sujeito diferente; mas o narrador-personagem a pesar de todas as falas que influíram em seu jeito de ver seu amiguinho, não permitiu que isso fosse motivo de distanciamento entre os dois.

O estereótipo racista é reproduzido e imposto pelos adultos às crianças é o mais influente porque é o exemplo para as crianças, portanto, a casa é o núcleo da sociedade e da qual emergem as condições necessárias para criar os conceitos básicos que serão empregados em uma sociedade (DIJK, 2012).

A partir do que afirma Henri Bergson “Nossas percepções estão certamente impregnadas de lembranças” (BERGSON, 1999. p. 72), pode-se crer que do ponto de vista da história, os dominicanos têm em sua memória apenas uma percepção, ou seja, tem apenas o que lhes foi repassado, reforçado, sem ter a chance de discutir a possível reconstrução de um discurso real e verdadeiro do que aconteceu. Isso explicaria o fato de que depois de um século da invasão haitiana à República Dominicana, ainda tenha sentimento negativo, anti-haitiano entre os cidadãos "Quisqueya". Essa negatividade tem outras consequências que afetam diretamente as relações sociais e econômicas desses dois povos, que se mantém como a memória histórica fossilizada sobre o ditador haitiano Jean-Perrie Boyer governou a nação dominicana.

Haveria então memórias individuais e, se o quisermos, memórias coletivas. Em outros termos, o indivíduo participaria de duas espécies de memórias. Mas, conforme participe de umas ou outras, adotaria duas atitudes muito diferentes e mesmo contrárias. (Halbwachs, 1990, p. 53)

O autor descreve os dois tipos de memória, falando que uma depende da outra como observamos no romance, o autor detalha sua memória individual, mas a memória coletiva poderia ser mais forte do que a memória individual, já que esta influencia em todos os aspectos da vida cotidiana, pelo fato de a personagem tia Eloisa discriminar e

mostrar para o narrador criança como normal, poderia ser um tipo de educação no lar do sujeito.

Os discursos que o presidente da República Dominicana manteve na época 1986-1996, no início dos anos 1990 o governo precedido pelo Dr. Joaquín Balaguer, com a intenção de retirar os haitianos da ilha, com a alegação de que poderiam invadir novamente a República Dominicana como aconteceu no ano de 1822, enviou delegação militar, por todo o país, perguntando a pessoas da pele preta a pronúncia da palavra “perejil” pronúncia difícil na *créole-francesa*, aquelas pessoas que não conseguiam pronunciar direita desta palavra poderiam ser deportados.

Esse discurso de racismo e discriminações dos pretos perdura na República Dominicana e a título completo de depoimento deste pesquisador é relevante assinalar que quando tinha sete anos de idade, para uma contextualização do que é narrado em *El Masacre se pasa a pie* falado, a pele é negra, (o resultado de uma mãe de ascendência espanhola de pele branca e de um cujas origens estão firmemente enraizadas na África, negra), sou um produto dessa miscigenação.

Certo dia este pesquisador estava na casa de uma vizinha, branca, num bairro em que havia rumores de que o governo Balaguer, em 1991, sucessor de Trujillo era procurava capturar haitianos ilegais, sem documentos, nos setores populares da capital. A vizinha, inesperadamente perguntou: “Richard você sabe pronunciar perejil”. A pergunta não era descabida, pois como este pesquisador tinha a língua presa, a pronúncia desta palavra ficava comprometida e poderia ser confundido com um haitiano duplamente, pois a palavra não seria bem pronunciada, a cor da pele reforçava o discurso ditatorial. A solução na época, como recomendou a referida vizinha, foi "Esconda-se, eles podem levar você, e ainda mais que você é negro."

Hoje, esses episódios são memórias e histórias que registram o discurso manipulador das classes políticas da República Dominicana, acreditando que o negro é um perigo. Mas não qualquer negro, mas sim o negro haitiano. Então, pode-se perceber

que “a cognição política em grande parte trata das representações mentais que as pessoas compartilham enquanto atores políticos” (DIJK, 2012, p. 197).

Nesse sentido, é observado que o funcionário do governo, como ator político, tem a maior responsabilidade, pois quando o presidente envia uma mensagem a ser cumprida, ela deve ser cumprida, ela deve ser executada.

Pesquisas em jornais sobre a situação de haitianos e dominicanos chegaram longe, como o jornal *El país* que circula na Espanha. Neste, foi publicado um artigo sobre a xenofobia que os educadores desenvolvem junto às crianças dominicanas, ressaltando as influências que tem os discursos sobre eles:

Todo niño dominicano ha escuchado al menos una vez esta amenaza: “Pórtate bien, que si te portas mal, te va a llevar el haitiano”. En el imaginario popular de República Dominicana, a los haitianos se les vincula con la hechicería, el timo, la violencia y la usurpación. (http://internacional.elpais.com/internacional/2013/11/02/actualidad/1383366569_134694.html)¹⁸

Outro episódio da infância deste pesquisador pode servir de exemplo para ilustrar o que o jornal denunciou. Aos oito anos de idade, conversando com seu avô, este pesquisador ouvia o ancião falar que não queria saber de nenhum desses “pássaros”, “comedores de crianças”, como se se tratassem de canibais. A percepção deste pesquisador no momento foi de temor para com os haitianos. Vale ressaltar que o avô não enxergava a pele do neto, negro como os haitianos.

Em *El Masacre se pasa a pie*, nos episódios das lembranças do personagem Capitán Ventarrón, depreende-se que o reservista é neto de haitiano; saber que tinha parentesco haitiano lhe fazia pensar cada vez que executava as ordens para matar, massacrar sem importar idade ou sexo, pois as ordens diziam para eliminar todos os

¹⁸ Toda criança dominicana já ouviu pelo menos uma vez esta ameaça: ". Seja bom, se você se comportar mal, o haitiano vai levar você. " Na imaginação popular da República Dominicana, os haitianos estão ligados à feitiçaria, temor, violência e usurpação.

haitianos. Percebemos que o ele não queria matar, mas, devia obedecer aos seus superiores: entretanto o fato de ele ser militar e estar às ordens de seu chefe maior que qualquer crise identitária.

5.2 Racismo e Preconceito

O racismo atravessa todo o romance. Segundo o romancista franco-marroquino Tahar Ben Jelloun, em seu livro *Papá, qué es el racismo?*, o racismo é “desconfiar de las personas con características físicas y culturales distintas de las nuestras, e incluso también en despreciarlas” (BEN JELLOUN, 2004. p. 22), desprezo, e ódio são os conceitos básicos que seguem junto ao racismo que são mostrados no romance. Porém, o fato de os dominicanos apresentarem características faciais diferentes e sua cultura e tradições ser diferentes com relação ao haitiano, faz com que o racismo aumente ainda mais entre essas duas populações.

Estas diferenças trouxeram grandes conflitos que são percebidos hoje em dia nas ruas de República Dominicana, constatada em certas falas carregadas de discriminação que dizem para as pessoas de pele preta, é só para os haitianos. Existe uma predisposição a querer odiar tudo o que é preto. Porém, muitos dominicanos sofrem preconceito ao serem confundidos com haitianos, devido a sua cor da pele.

O personagem Juan Nazario, casado com uma haitiana, homem trabalhador do campo, também apresenta preconceito contra haitiano e chega a discriminar até seus próprios filhos, com expressões de ódio só porque são pretos:

Juan Nazario, en momento de ira,-¡Malditos negros éstos!... que debían matarlos a tóo... pa que se larguen de una vez!... no vale criá... tó se lo llevan!... no vale sembrá, que se lo roban too... Y yo dominicano, hasta me he separado de mi país al meterme con estos negros sucios, que ¡jeden a pájaro muerto! Estoy loco porque se arme una bronca con Haití, pa dentrá a ese país maldito, cortando cabeza y barriga hasta Puerto Principe... (CASTILLO, 1998, p. 77).

Como se pode depreender, o problema da não aceitação dos haitianos se mostra no romance até na mesma família. Comparando esta passagem com episódios dos tempos atuais, percebemos que não houve muitas mudanças. É muito difícil fazer parte de um discurso racista que foi tecido por vários anos e que persiste em negar os antecedentes pretos, africanos na cultura dominicana. Nesse sentido, Memmi também afirma que: “Será nacionalista e não racista, propriamente, mas xenófobo, pois “o racismo do colonizado - como diz o autor não é rigor, nem biológico, nem metafísico, mas social e histórico” (MEMMI, 1967, p. 13)”. Pode-se perceber que a rejeição entre República Dominicana e República do Haiti data de mais de dois séculos, porém são inevitavelmente conflitos de interesses diversos que provocaram as disputas entre estas duas divididas só pelo rio *Masacre*.

Note-se que o racismo pode estar ligado a outras manifestações de ódio, de xenofobia, porém, as pessoas precisam sentir-se protegidas, e não compartilham muito da ideia de rompimento de seus esquemas, sempre se tem do que desconfiar das coisas novas frequentemente. Sentem medo dos estrangeiros porque não os conhecem. E se é mais pobre que ele, como ocorre no caso dos haitianos como são mais pobres que os dominicanos o racismo ainda está presente, se desconfia de um pedreiro haitiano, mas não um multimilionário norte-americano.

Em termos muito gerais, há preconceitos raciais, para avaliar ou ter uma qualificação de sujeito social, o que faz muitas vezes com que os dominicanos partam de um discurso da cor da pele para identificar alguém. Até mesmo para atribuir as condições sociais quando se tem duas pessoas com pigmentação da pele diferentes, sempre supor que o mais claro tem um *status* social mais elevado, assim mostra o narrador-personagem na seguinte citação: “-Muchachos! Pa'lante... Pa' acabá con estos negros, con esta “garrapata”, que se han cojío la tierra de los dominicanos! Pa'lante! (CASTILLO, 1998, p. 33). Note-se que o trato que tinham na época os dominicanos para com os haitianos, era de humilhação e desumanidade. Comparando com a atualidade o preconceito e o racismo para com os haitianos não mudaram; pelo contrário, as relações pioraram.

O preconceito racial na República Dominicana parece ser um legado colonial que ainda existe, embora não haja registros nem razões para o aumento do racismo naquele país. O racismo tem uma dupla velocidade entre os dominicanos mesmo. A velocidade dupla é que existe racismo entre os dominicanos mesmos, para quem o branqueamento se torna muito mais ou menos consciente e em uma verdadeira pressão para subir e ser reconhecido socialmente.

5.3 Repercussões do machismo do Trujillato em *El Masacre se pasa a pie*

O machismo tem sido tradicionalmente associado com a diferenciação de tarefas entre homens e mulheres, resultando na subordinação das mulheres em muitas sociedades.

Observamos que atitudes machistas compõem a visão do narrador de *El Masacre se pasa a pie*, denunciando o ditador Rafael Leónidas Trujillo, que fazia uso do poder, mostrando sua virilidade do macho dando-se o direito de desfrutar ou possuir todas as mulheres bonitas da época, o que alimenta seu ego machista.

Segundo o dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, “O machismo é definido como a atitude ou comportamento de quem não aceita a igualdade de direito entre homens e mulheres, sendo contrário ao feminismo” (apud FERREIRA, 2010, p. 1301). Assim o machismo ou atitudes machistas também têm como consequência a discriminação contra as mulheres a quem são feitas propostas sexuais e são vistas como objetos para satisfazer as necessidades do homem.

A primeira história que ilustra o machismo Trujillista em *El Masacre se pasa a pie* é a da personagem haitiana Moraimé Luís da qual falamos no segundo capítulo desta dissertação. Ela havia crescido do lado dominicano como dominicana, mas não podia provar, pois não tinha documentos dominicanos nem do seu país de origem. Ela havia deixado o Haiti quando era criança junto com seus pais, trabalhadores em busca de melhores condições de vida. “Moraimé Luís no conoce sus parientes en Haití, hija de

uma haitiana lavandera a quien esta tarde sacarón del pátio del mesón” (CASTILLO,1998. p. 39). A violência utilizada pelos reservistas para tirar a Moraimé foi desproporcional já que eles eram muitos e empregavam sua força agressivamente, enquanto que a moça, adolescente, não tinha como se defender.

Trujillo ostentava a sua virilidade, ressaltando sua potência sexual, situação que era percebida com bons olhos, admiração e aceitação pelos grupos militares e seguidores que estavam ao seu redor, assim comenta Marcio Veloz Maggiolo, em seu livro “Uña y Carne, memória de la virilidad”.(1999)

“Sus allegados elogiaban ese instinto olfativo y lo decían”: “es que el jefe tiene olfato no sólo para la política”, todo ello con la mayor seriedad, no fuera a ser que el jefe atrapara una risita burlona o creyera que la crítica era una especie de complot contra su virilidad.”(MAGGILO, 1999, p. 52)¹⁹.

Note-se o respeito em favor da exaltação da virilidade do ditador, sempre procurando agradar-lhe na conversa feita por seus seguidores.

Castillo tece e correlaciona às crueldades dos militares que estavam ao cargo do “Corte”, ou seja, as chamados deportações de haitianos feitas pelos militares da fronteira. A passagem em que o narrador descreve a busca de Moraimé Luís é seguida das metáforas relacionadas ao estupro desta personagem pelos reservistas da ditadura. O desejo machista dos militares provoca o abuso sexual: Moraimé Luís dejó la virginidad en la arena del rio, buscando la libertad. También dejó la vida. Los soldados tragaban ron entre tanto.” (CASTILLO, 1998, p. 42). De acordo com as metáforas presentes neste trecho, pode-se perceber que a personagem foi abusada por vários militares que, valendo-se do poder militar achavam-se no direito abusar de abusar das mulheres que estavam naquela faixa de fronteira e serem deportadas.

¹⁹ Seus parentes elogiavam os instintos olfativos e diziam: " é que o chefe não só tem olfato para a política ", tudo isto com a máxima seriedade, não fosse ser que o chefe pegasse uma risada zombeteira e acredita-se que a crítica era um tipo de conspiração contra sua virilidade.(Trad. Nossa).

Outra passagem do romance que também ilustra as atitudes machistas Trujillista da época é a história da personagem Ángela Vargas, professora talentosa que valoriza a causa social. Ensinava as crianças haitianas e àquelas consideradas “catizas”, que são os filhos de haitiano com dominicanos. Ángela poderia ensinar numa escola com boa estrutura física com paredes de alvenaria e telhado, mas seu trabalho social e a vontade de servir eram maiores e não impunha condições físicas para trabalhar. Ensinava debaixo de uma “choza”, que corresponde a um taipiri roraimense coberto com palhas sem paredes. Ela era “Considerada bonita, de cor “canela” (cor oficial na cédula identidade nos anos 1930), de olhos verdes, sofria perseguição machista, pois ela tinha “un corpo propio para modelo en una sala aristocrática de modas de una ciudad” (CASTILLO, 1998, p. 82). Ángela ouvia comentários preconceituosos e proposta indecentes, pois o seu corpo poderia ser o passaporte para ela ter boa condições de vida na cidade de Santo Domingo.

O machismo na obra está presente nas camadas populares da sociedade da época também no meio administrativo: “Las mujeres son estúpida!...miren esa, tan bonita, llorando por un empleo de maestra... si le diera la gana... conseguia lo que quisiera...si la viera el presidente!” (CASTILLO, 1998, p. 88). Na sociedade dominicana, como se é reforçado na obra, a mulher fisicamente bonita tem facilidades para obter um emprego. Geralmente a mulher dominicana é vista como incapaz de servir a uma causa social, e Ángela era uma exceção, pois “En Santo Domingo, cuando la mujer rehusa la lectura de revistas, recetas de cocina, figurines de moda y resuelve afrontar disciplina mentales, opta comunmente por la farmácia,”(CASTILLO, 1998, p. 83). Ángela era revolucionaria, pois havia recusado propostas machistas de um militar e de um alto funcionário do Ministério da Educação, razões pelas quais foi punida com uma quase deportação, ou seja, foi impedida de trabalhar na capital e enviada para aquela fronteira longínqua: Un día, una orden del Departamento de Educación, caprichosa, como todas las ordenes de los jercas de ese Departamento, dictadas a veces por pasión, la puso en la frontera lejana, a enseñar negros de Haití. (CASTILLO, 1998, p. 83-84).

Esta passagem faz lembrar o tema da obra *En el Tiempo de las Mariposas*, da escritora dominicana Julia Alvarez (1994), que mostra a história das irmãs Mirabal que se recusaram ter alguma aproximação íntima com o ditador.

Minerva Mirabal havia pedido ao ditador para conceder-lhe autorização para estudar direito na universidade dominicana da época. Mas o pedido foi negado pelo fato de ser mulher. Entretanto, Trujillo ficara encantado com sua beleza e lhe concedeu o acesso à universidade, com a condição de dormir com o ditador, mas a moça não quis aceitar a proposta e continuou a estudar mesmo assim. Entretanto quando ela procurou emprego como profissional, sofreu represálias, foi punida, pois lhe foi negado o direito de exercer a profissão.

Esta história assemelha-se à de Ángela e à de Moraimé Luís. Todas têm muitas coisas em comum, por exemplo, a discriminação por parte dos homens, por serem mulheres.

O machismo presente em *El masacre se pasa a pie* aparece como uma denúncia do escritor-narrador, que a nosso aborda e questiona a ideia conservadora que existiu de que a mulher não podia ascender, em conhecimento igual ou superior ao homem. Os personagens masculinos são tecidos com um machismo, discriminam e não reconhecem a capacidade da mulher de se tornar boas profissionais.

5.4 Situações Linguísticas e Identidade

As identidades dominicanas ficaram muito fragmentadas, com a morte e migração a outra ilha da maioria dos primeiros habitantes indígenas, além do mais outras culturas chegou a povoar a *Hispaniola*, sendo mistura do branco espanhol, negro africano e do Taino, descendente dos Araucos, que posteriormente se estabeleceram em Cuba e Jamaica.

No estudo feito por Eurídice Figueiredo e Jovita Noronha, percebemos que a identidade nacional estaria ligada à identidade de cada povo (FIGUEREDO 2005, p. 190). A identidade cultural não se apoia no “Estado-Nação”, mas sim, na noção de pertencimento a uma cultura comum, com tendência a ser transnacional uma vez que se baseia em “categorias tão diversas como raça, etnia, gênero, religião, como afirmam as autoras”.

Haitianos e dominicanos formam uma população que começou um processo de transculturação há muito tempo, já que os colonizadores trouxeram suas próprias regras para os nativos e os novos imigrantes da ilha que foram os africanos, tratados também como escravos. Segundo Kathryn Woodward: “A identidade é marcada por meio de símbolos. Poderíamos dar o exemplo dos cigarros que são fumados em cada lado. Existe uma associação entre a identidade da pessoa e as coisas que uma pessoa usa. (WOODWARD, 2000, p.13). Porém, hoje os dominicanos diferentemente de outras nações que conservam características de seus primeiros moradores, mantém vivos os indígenas apenas nas figuras e ferramentas que eram usadas por eles antes da chegada dos colonizadores, são figuras simbólicas que não representam o desejo de ser indígenas. Em outras palavras, as verdadeiras identidades ligadas aos ancestrais indígenas e negros são apagadas, ou seja, os dominicanos não aceitam ter sido misturados com elas. Pelo contrário, eles enaltecem a herança do branco espanhol, o que seria o eterno desejo de branqueamento.

Para o antropólogo Stuart Hall as questões de mudança na pessoa que atravessa fronteira acontecem inevitavelmente já que tem que adaptar seus costumes e tradição de acordo com o país onde esteja principalmente no atual processo de globalização que causa “impacto sobre a identidade cultural” (HALL, 1996, p. 14).

Os cidadãos haitianos buscam incorporar-se ao sistema político e cultural da República Dominicana, e sua adaptação não é difícil, pois tanto homens como mulheres, cruzam a fronteira em busca de trabalho, mão de obra facilmente recrutada. Os homens buscam a área de construção civil, enquanto que as mulheres buscam

atividades domésticas. São atividades que não são bem remuneradas, ou seja, não estão sendo procuradas nem valorizadas pelos dominicanos.

Os haitianos migrantes são monolíngues ou pelo menos não falam espanhol o suficientemente bem para conviver com os dominicanos. Buscam aprender o espanhol dominicano, com dominicanismos, ou seja, com expressões típicas da fronteira domínico-haitiana mais próximas do espanhol, que como argumenta Mello, sofrem fenômenos de variedade padrão, (...) aquela dominada por uma elite (MELLO, 1999, p. 27). Vale salientar que é muito comum que sujeito haitiano procure um bem econômico e tenha que aprender a língua do país, buscando neste caso o espanhol.

Na fronteira percebe-se que há subgrupos de haitianos bilíngues, mas que em certas circunstâncias tentarão falar somente em espanhol para disfarçar seu sotaque *créole*. A maioria dos imigrantes com baixa escolaridade é monolíngue em *créole*, na faixa da fronteira.

O que se percebe na República Dominicana com a República do Haiti, onde as diferenças são marcadas pelos dominicanos pela não aceitação das “verdadeiras” identidades e características históricas que são comuns. Para Tomás Tadeu da Silva a identidade é simplesmente aquilo que se é: 'sou brasileiro', 'sou negro', 'sou homossexual', 'sou jovem', 'sou homem'. A identidade assim concebida parece ser uma positividade ('aquilo que sou'), uma característica independente, um 'fato' autônomo (DA SILVA, 2009, p. 74).

Esta situação de irmandade se apresenta no romance, onde os dominicanos que moravam na fronteira tinham um sentimento fraternal para com os haitianos, esquecendo-se do passado de conflitos que tiveram na época. Porém, as identidades sempre serão marcadas entre os dominicanos e haitianos, já que as duas populações cresceram juntas através dos tempos.

Através da história e em todos os rincões do mundo os movimentos migratórios voluntários costumam exercer grande impacto linguístico. Mello esclarece ainda que “as pessoas que viajam com frequência para países onde outras línguas são faladas

tendem a aprendê-las, a fim de que possam desempenhar melhor suas tarefas”.(MELLO,1999,p. 35). Assim, esta interação entre os dois povos, o haitiano e o dominicano, parece criar uma relação de bilinguismo cultural.

O sujeito que vive na fronteira, no contexto dominicano, onde fala com dominicanismos da língua espanhola, assume condições de identidade. Seria a terceira forma de identificação histórica, o que é destacado na pessoa que é tomada como modelo não é o fato dela ser desejável, mas o de ser desejante, da qual fala Octavio Souza, baseando-se em Freud. (SOUZA,1999, p. 19) É importante notar que esse fenômeno das transformações linguísticas por contatos, representa apenas uma das várias linhas de interação bicultural e relacionamento na área de fronteira.

Em *El Masacre se pasa a pie* narrador-personagem apresenta questões linguísticas dos haitianos no momento de ser sacrificado pelos reservistas:

Murieron todos los del caseiro. Entonces se escuchó otra gritería infernal, en español. Eran los “catizos”, hijos de Juan Nazario. -No nos maten, que somos dominicanos!... Un sóm dominiquén... semo dominicanos... Dominiquén!.. - Coja las vaca y salvá a mí!... soy dominiquén!... -Coje tó, soy dominiquén!... -Yo dominicano... dominiquén!... Yo no conoce Haití. Nacé aquí. (CASTILLO, 1998, p. 78)

Note-se o desespero dos cidadãos haitianos por tentar salvar suas vidas, na atualidade os bilíngues são, majoritariamente, haitianos. Mas também, entre a comunidade haitiana há assimetria com os que dominam o espanhol e os que só falam crioulo ou pouco espanhol. Há perigo de surgir um erro na lógica. Se pode afirmar sem medo de equivocar-se que a maioria dos bilíngues na fronteira é haitiana. Mas isto não quer dizer que a maioria dos haitianos é bilíngue.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa percebemos que as tramas narradas em *El Masacre se pasa a pie* refletem a realidade dos anos 1930 na República Dominicana, mas tem sua atualidade, não parece ter havido mudanças e hoje em dia as manifestações de racismo, preconceitos e conflitos fronteiriços contra os haitianos estão na mesa de cada cidadão dominicano, ou seja, fazem parte do seu dia a dia. Como cidadão dominicano, este pesquisador não poderia fugir aos estereótipos que estavam cristalizados em sua memória e na das crianças dos que seguiram o massacre de 1937. As instituições dominicanas impõem o estereótipo, o racismo contra os haitianos; a família em um primeiro momento, estimula o medo do haitiano contando histórias do “haitiano” como se fosse o “bicho-papão”, aquele que levará as crianças para longe; a escola, por sua vez, também usa essa estratégia permitindo que diga que a professora diga que “ser haitiano” era ser feio, era ser mau, ladrão de gado. Aprender a ser dominicano era uma necessidade.

Ao longo desta pesquisa, discutimos conceitos e temas relevantes para o estudo da obra *El Masacre se pasa a pie*. Abordamos a história como tal, da época da Conquista até a chegada dos franceses à *Hispaniola*, incluindo os maus-tratos e o suicídio dos indígenas da região caribenha, incluindo a formação *grosso modo* da história indígena da Amazônia Caribenha na tentativa de mostrar que a violência que hoje alimenta o racismo, o estereótipo contra haitianos tem origem na própria colonização, nos massacres dos indígenas.

Abordamos a ficção no romance, constatando que o narrador personagem entra em disputa com seu próprio eu, já que ele revive os momentos violentos do passado. Nesta parte percebemos o interesse do narrador-personagem de defender os haitianos.

Também abordamos aspectos da memória do povo dominicano a partir dos personagens da obra *El Masacre se pasa a pie*, mostrando o racismo e o preconceito que ainda ancoram no pensamento dominicano. Também foi abordado o machismo do

Trujillato que está presente ao longo da obra e nas tramas que envolvem os personagens femininos

Por fim, ressaltamos que com esta pesquisa, esperamos colaborar para o surgimento de outros trabalhos para enriquecer a linha de pesquisa de estudos literários na Universidade Federal de Roraima (UFRR), em conjunto com o Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL).

REFERÊNCIAS

- ABDALA JR, Benjamin. **Literatura, História e política**. São Paulo: Ed. Ática, 1989, 199 p.
- . **Introdução à análise da narrativa**. São Paulo: Sipione, 1995. 63p.
- ALMANZAR, Martinez Juan Francisco. **Manual de História Crítica Dominicana**. 9na edición Santo Domingo: Ed. Taller, 2003, 568 p.
- ALVAREZ, Julia. **En el Tiempo de las Mariposas**. Santo Domingo: Ed. Corripio, 1994, 327 p.
- AZEVEDO, Elizabeth R. et al. **Caribe o paraíso submetido**. São Paulo: Editora Brasileira, 1986, 100 p.
- BALAGUER, Joaquín. **História de la Literatura Dominicana**.8va ed. Santo Domingo: Editora Corripio, 1992, 370 p.
- . **La Isla alreves**. 8va ed. Santo Domingo: Editora Corripio, C.por.A, 1994, 257 p.
- BHABHA, Homi K. **O local da Cultura**. Tradução de Avila, Myriam. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998, 394 p.
- BEN JELLOUN, Tahar. **“Papá, que es el racismo?”**: tradução de López, Malika Embrarek, Torrelaguna, 1era ed. Madrid. Editora Alfaguara, 2000, 104 p.
- BERGSON, Henri. **Materia e Memória. Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. Trad. Paulo Neves. São Paulo : Martins Fontes, 1999, 291 p.
- BROWN. UNIVERSITY. **The John Carter Brown Library**. Spanish Map of Hispaniola 1723. Disponível em: <http://www.pennymead.com/results.php?ct=4&grp=&sub=255&q=&adesc=&where=&m=s&sort=adddate%20DESC&st=40>. Acesso em 12 de Janeiro 2014
- CARPENTIER Alejo. **Visão da América**. Tradução Rubia Prates Goldoni e Sergio Molina. São Paulo: Martins, 2006, 164 p.
- CASTILLO, Prestol Freddy. **El Masacre se pasa a pie**. 11a ed. Santo Domingo: Ediciones Taller, 1998, 201 p.
- CHAVES, Flávio Loureiro. **História e Literatura**. Porto Alegre: EdUFRG, 1988. 94p.

COMPARATIVE STUDIES IN SOCIETY AND HISTORY. **Borderlands**, 1900 to 1937, 36, no. 3 (1994): 492. Disponível em <http://people.duke.edu/~eec7/turits.pdf>, acesso em 20/12/12.

DA SILVA, Tomas Tadeu. Stuart Hall, Kathryn Woodward. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 9 edic. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2009, 103 p.

DIJK, Teun A. Van. **“Discurso e Poder”**. São Paulo: Editora Contexto, 2012, 281 p.

DOMINGUEZ, Jaime de Jesús. **História Dominicana**. Santo Domingo: Editorial Letra Gráfica, 1999, 294 p.

FERREIRA, Aurélio B. de Hollanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010, 1301 p.

FERREIRA, Jorge Luiz. **Conquista e Colonização da América Espanhola**. São Paulo Editora Ática S.A, 1992, 104 p.

FIGUEIREDO, Eurídice. **Conceitos de Literatura e Cultura**. Niterói/Juiz de Fora: EdUFF/EdUFJF, 2005), 490 p.

FOUCHER, Michel. **Obsessão por fronteiras**. São Paulo: Radical Livros, 2009, 216 p.

FREITAS, Déborah de Brito Albuquerque Pontes. **“A construção do sujeito nas narrativas Oraís.”** In.: CLIO. Revista de Pesquisa Histórica. N.25-2. Recife: EdUFPE, 2007, p. 92-112.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar Projetos de Pesquisa**. 5ª. Ed. São Paulo: Atlas, 2010.

HALBWACHS, Maurice. **A memória Coletiva**. Trad. Laurent Léon Schaffeter. São Paulo: Edições Vértices, 1990, 189 p.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11 ed. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, DP&A, 1996. 102 p.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo; história, teoria, ficção**. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1991, 330 p.

HOY. **Freddy Prestol Castillo, autor de “El Masacre se pasa a pie” fue notable jurista e historiador**. República Dominicana (Santo Domingo), Editora Corripio, Fevereiro, 2014.

KURY, Farid, **Juan Bosch entre el exilio y el Golpe de Estado**. República Dominicana: Cocolo Editorial. 2000, 215 p.

LAS CASAS, Fray Bartolomé de, **História de las Indias**. Hollywood, Florida. U.S.A: Ediciones del Continente. 1995, 525 p.

LLOSA, Mario Vargas, **La Fiesta del Chivo**. México D.F: Santillana Ediciones. 2006, 526 p.

MAGGILOLO, Marcio Veloz. **Uña y Carne Memórias de la virilidad**. 1era ed. Santo Domingo. República Dom: Editora Cole, 1999. 279 p.

MARTIN, André. **Fronteiras e nações**. São Paulo: Contexto, 1992. 156 p.

MELLO, Heloisa Augusta Brito, **Diversidades Lingüística**. Editora da UFG, Goiana, 1999, 108.p

MEMMI, Albert. **Retrato do Colonizado precedido pelo retrato do colonizador**. Trad. de Roland Corbisier e Mariza Pinto. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1967, 126 p.

OLIVEIRA, Reginaldo Gomes de. Notas sobre os holandeses na Amazônia no período colonial. In: **Revista Textos & Debates**, n. 11. Boa Vista-RR: EdUFRR, 2006.

----- (Org.). **Projeto Kuwai Krîrî: a experiencia amazônica dos índios urbanos de Boa Vista-Roraima**. Boa Vista-RR: EdUFRR, 2010.

----- **A presença holandesa na Amazônia Caribenha entre os séculos XVI e XVII: da Costa Selvagem ao Rio Branco**. In: OLIVEIRA, Reginaldo Gomes de; IFILL, Mellissa (Orgs.). **Dos caminos históricos aos procesos culturais entre Brasil e Guyana**. Boa Vista-RR: EdUFRR, 2011.

ORTIZ ,Fernando. Etnia y Sociedad. In.: **Transculturación**. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1993. 287 p.

OYAMA, Maria Helena Valentim Duca. **Edouard Glissant e o Pós-Colonial**, São Paulo-SP: FFLCH/USP, 1999. (Dissertação de Mestrado)

----- **O Haiti como locus ficcional da identidade caribenha: olhares transnacionais em Carpentier, Césaire e Glissant**. Niterói: Instituto de Letras, 2009. (Tese de Doutorado).

PIZARRO, Ana. **Amazonía El rio tiene voces, Imaginario y Modernización**. Chile: FCE, 2009. 200 p.

POLLAK, Michel. Memória e identidade social. In.: **Revista de Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, FGV-CPDOC, v. 5, n. 10, p. 200-215, out. 1992.

PONS, Frank Moya. **Manual de História Dominicana**. Santo Domingo: Editora Corripio, C.por.A. 10ª Edic.1995. 733 p.

PRIMERA, Mave. Si te portas mal, te va a llevar el haitiano. **Santo Domingo**, República Dominicana. 2 de Nov. 2013. Disponível em: <http://internacional.elpais.com/internacional/2013/11/02/actualidad/1383366569134694.html>. Acesso em: 03 Dec. 2013.

REIS, Livia. Transculturação e transculturação narrativa. In.: FIGUEIREDO, Eurídice. **Conceitos de Literatura e Cultura**. Niterói/Juiz de Fora: EdUFF/EdUFJF, 2005).

SANT'ANNA F. M. As fronteiras políticas na bacia amazônica e a cooperação para a utilização dos recursos hídricos compartilhados. In.: **XII COLOQUIO INTERNACIONAL DE GEOCRÍTICA**, 2012, Bogotá, Colombia.

SOUZA, Octavio. A identidade e as identificações. In.: **Fantasia de Brasil**. As identificações na busca da identidade nacional. São Paulo: Ed. Escuta, 1999, 13 p.

SURIEL, Richard Junior. História, Ficção e Identidades em “El Masacre se pasa a pie” de Freddy Prestol Castillo In.: **Anais do XI Seminário Nacional de Literatura, História e Memória e II Congresso Internacional de Pesquisa em Letras no Contexto Latino-Americano**. Cascavel-Paraná: UNIOESTE, 2013.

----- .Subjetividade na obra *El Masacre se pasa a Pie* do autor Freddy Prestol Castillo In.: **Anais do II Simpósio Internacional de estudos de linguagem e cultural regional problematizando fronteiras**. Boa Vista-RR, PPGSOF, 2013.

----- . Identidade Linguística em ambiente de fronteira Domínico-Haitiana. In.: **Anais do II Simpósio Internacional de estudos de linguagem e cultural regional problematizando fronteiras**. Boa Vista-RR, PPGSOF, 2012.

----- Situações de conflitos indentitários: memória histórica do povo dominicano face ao povo haitiano In.: **I Seminário Internacional Sociedade e Fronteiras “As Fronteiras da Interdisciplinaridade e a Interdisciplinaridade das Fronteiras”**. Boa Vista-RR, PPGSOF, 2012.

----- História, Ficção e Identidades em “El Masacre se pasa a pie” de Freddy Prestol Castillo In.: **Anais do XIII Congresso Internacional da Abralic - Internacionalização do Regional**. Campina Grande-PB, 2013.

TROUCHE, André. **América: história e ficção**. Niterói, EdUFF, 2006.156 p.

TRUJILLO, Rafael Leónidas. **Evolución de la Democracia en Santo Domingo, Discurso pronunciado por Su Excelencia el Presidente de la República Dominicana, al inaugurar la XIII Conferencia Sanitaria Dominicana**. Ciudad Trujillo: s/e, 1950. 67 p.

WOODWARD, Kathryn. A identidade e as identificações. In.: **Fantasia de Brasil**. As identificações na busca da identidade nacional. São Paulo: Ed. Escuta, 1999. 22 p.